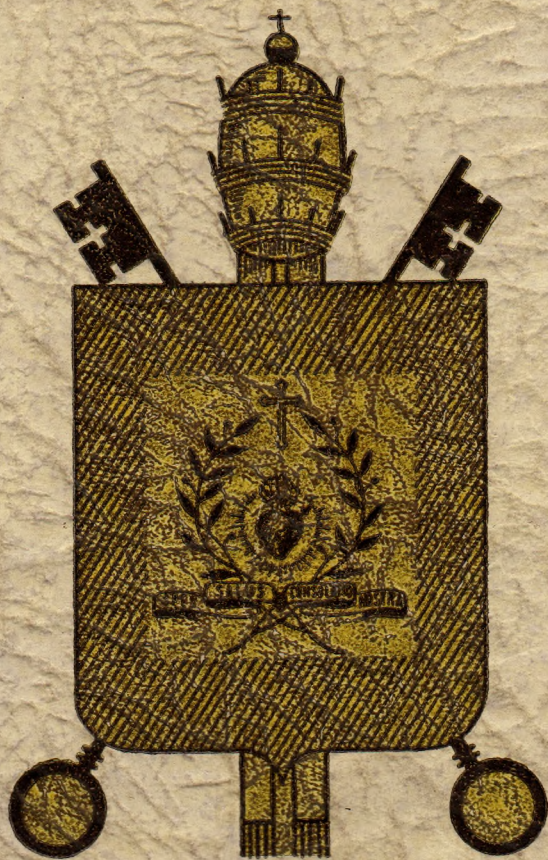


Cormarice



RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA
PORTUGAL - 1951



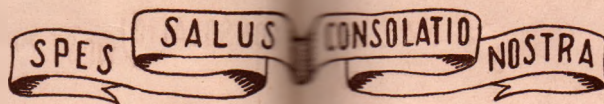


EM LISBOA : O Senhor Cardinal Patriarca conversa com a Marquesa Pacelli



Durante a Sua permanência em nossa Casa, a Senhora Dona Filipa e Suas augustas Irmãs, edificaram-nos com Sua devoção e cativaram-nos com o Seu trato afável e simples. Os mesmos sentimentos admiramos no Senhor Dom Duarte Nuno, nas visitas que se dignou fazer ao Colégio de Fátima.

COR MARIAE



Neste ano de graça de 1951, em que uma multidão de Peregrinos acorreu a Fátima, para as Cerimônias do dia 13 de Outubro, acolheram-se à Nova Casa

das Religiosas do S. C. de Maria inúmeras pessoas de todas as categorias sociais, e foi-lhes dada a consolação de hospedarem a Família do Papa e as Infantas de Bragança.

A 4 de Outubro, numa tarde luminosa e calma, baixava ao aeroporto de Lisboa o avião que trazia de Roma a Marquesa Pacelli, Irmã de Pio XII, sua Filha, a « Marquesina Elena », e sua Sobrinha, a Condessa Ana Palmieri. Momentos depois, aparecia a figura distinta e simpática da Marquesa Pacelli que, desde o primeiro contacto com os portugueses, prendeu a todos no encanto da sua expressão bondosa, no permanente sorriso, que parecia transmitir-lhes a bênção do « Doce Cristo na terra ».

Há muitos anos que desejava vir a Portugal para conhecer o vosso país e ir a Fátima. Este momento é para mim, como mulher e como cristã, uma das grandes alegrias da minha vida! —, afirmava, logo ao chegar.

No mesmo avião, vinham a Madre Marie-Aloysius e Madre Sainte-Claire (assistentes gerais) e M.^{me} Pallot, amiga dedicada do Instituto.

À entrada no Colégio, as alunas saudaram entusiasmaticamente as nossas « Hóspedes de Honra ».

Hóspedes de Honra das Religiosas do S. C. M.^A

A primeira visita foi para a capela, onde a Marquesa e sua Filha deixaram dois lindos ramos de rosas vermelhas, trazidas de Itália.

Das brilhantíssimas solenidades religiosas e oficiais a que assistiram, e do carinhoso acolhimento que, em toda a parte, receberam, para que falar, se os jornais tudo disseram em larga e interessante reportagem?

— Oh! como é belo! — repetia a cada passo, a Marquesa, a manifestar, efusivamente, a sua admiração.

Na ida para Fátima, passaram por Coimbra. Depois de breve demora no « Lar » do S. C. de Maria, visitaram o Carmelo, acompanhadas pelo Senhor Arcebispo-Bispo Conde, que entregou à Marquesa, uma preciosa imagem de N. Senhora, em marfim, destinada ao Santo Padre.

Essa visita proporcionou-lhes a consolação de conhecerem a « pastorinha », confidente da Virgem, hoje Irmã Lúcia do Imaculado Coração de Maria. À noite, estavam, enfim, no Santuário de Fátima!

— Oh! que fé em Portugal! É admirável a fé simples dos portugueses! — dizia a Marquesa, extasiada e comovida, ao presenciar o fervor dos Peregrinos. E as suas últimas palavras, ao subir para o avião que a levava à Itália, foram ainda a confirmação dos mesmos sentimentos:

— Nunca poderei esquecer o que vi na Cova da Iria!



EM COIMBRA : O Senhor Arcebispo-Bispo Conde, na visita à Marquesa Pacelli



De Roma, a Marquesa escreve-nos estas linhas saudosas: — « Desde que aqui estou, não cesso de falar desse belo país tão simples e tão profundamente religioso. Não posso dizer quanto aprecio este grande privilégio de ter podido rezar em Fátima! Portanto, a nossa profunda gratidão. »



Uma cerimónia de Tomada de Hábito ou de Profissão é sempre uma festa linda e impressionante — festa para a alma que nela participa, festa para os que participam na alegria



dessa alma. Este ano, a cerimónia de Setembro, no Noviciado de Braga, repartiu-se por dois dias, por serem muito numerosas as Irmãs que nela tomaram parte. A do dia 28, foi presidida por S. Em.^a o Senhor Cardial Patriarca, que teve a consolação de dar o Hábito a sua sobrinha Delmira — em

religião, Benigna do Coração de Maria — estando presente numerosa representação da família. À cerimónia do dia 29, presidiu o Rev.^{mo} Snr. Cônego Apolinário Rios.

Na Missa Nova

Nas Bodas de Ouro



Duas Festas

em

BRAGA



Cinquenta anos de Sacerdócio, em continuo e abnegado ministério, e 28 anos de zelosa capelania no Colégio das Religiosas do S. C. de Maria, em Braga, tal é a bela e valiosa «folha de serviços» que o Rev.^{mo} Snr. P. Manuel Marques da Silva podia apresentar ao «Senhor da Messe», nas suas *Bodas de Ouro*. Velho amigo do Instituto, para ele encaminhou uma de suas irmãs, que professou na Casa-Mãe, com o nome

de Ir. Ludovina, e ali faleceu deixando saudosa e edificante memória. No restabelecimento do antigo Colégio de Braga, em 1921, e, mais tarde, quando se tratou da aquisição do novo local e construção da casa, deu inextinguíveis provas de dedicação. Em piedosa e comovedora festa, celebrou o Colégio esta feliz data, ficando muito sensibilizado o seu Rev.^{mo} Capelão, com esta manifestação de carinho e reconhecimento.

A Voz das Antigas



CORMARIAE é o órgão da Associação das Antigas Alunas, publicação anual que deseja ser:

- TRAÇO DE UNIÃO entre estas e o Instituto que as educou;
- NOTICIÁRIO da vida dos seus Colégios e da sua família.

CORMARIAE teve o mais cordial acolhimento da parte de todas as «Antigas» e, — para sua consolação o registamos neste 2.^o número — recebeu palavras de penhorante estímulo e apreço da parte de vários Prelados, da Rev.^{ma} Madre Geral e de individualidades em destaque no meio eclesiástico e literário.

CORMARIAE apareceu no ano triunfal da proclamação do dogma da Assunção de N. Senhora e o seu 2.^o número vai sair no ano glorioso do Encerramento do Ano Santo aos pés de N. Senhora de Fátima, o qual, por coincidência providencial, foi também o ano da inauguração da nova casa do Instituto do S. C. de Maria, nesse Santuário bendito.

Que as bênçãos do Coração Sagrado de Maria acompanhem todos os leitores de CORMARIAE!

Este ano, damos a palavra à «Antiga» do Colégio do Porto, Maria do Carmo Lencastre, arquivando gostosamente, em CORMARIAE, algumas passagens do formoso e vibrante discurso que pronunciou, a 17 de Outubro de 1951, na solene comemoração das BODAS DE PRATA do Colégio de N.^a S.^a do Rosário.

A casa está em festa. As almas estão em festa. Os 25 anos destas *Bodas de Prata*, andam em nossos corações, como outros tantos motivos de alegria, e acordá-los para a música dos cânticos que se ouvem e transcrevem numa pauta e também para a música dos cânticos inefáveis, intraduzíveis, que a saudade e as lembranças avolumam e harmonizam.

Por mim, nem sei se hei-de cantar se hei-de chorar... E creio bem que muitas mais se encontrarão perplexas no desafogo dos sentimentos que sentem crescer no peito.

— O nosso Colégio!

Três palavras que têm doçura e força, unindo a convicção arraigada, firme, à suggestiva poesia da nossa vida de meninas!

Três palavras que abrem os esconderijos da alma, descobrindo secretas ou inaproveitadas dedicações e generosidades!

Três palavras que dizem ternura e saudade, ao mesmo tempo que recordam as responsabilidades de quem muito recebeu em solícita educação cristã!

Três palavras que são um manancial de recordações, trazendo junto de nós os vultos das nossas tão queridas Religiosas, as silhuetas das companheiras e contemporâneas, todo o encanto da vida colegial, quer nos momentos ajuizados e solenes, quer na despreocupada Vida quotidiana alumuada pelo carinho das nossas queridas mestras, quer nas horas mais apertadas das vigílias de exames...

Três palavras que repercutem em dois timbres diversos :

— As alunas de hoje dizem-nas em tom mais agudo e alvoroçado, em gorgoejo de passarinhos novos.

— As antigas Alunas transmitem-lhe uma vibração mais experimentada, e dão-lhe uma nota inconfundível de saudade.

*

Dizer uma palavra em nome das Antigas, eis o que, neste momento, me cabe :

Tarefa *fácil* — porque a gratidão vibra espontânea na Voz de quem, como eu, usufruiu das bênçãos da Vida colegial, ao abrigo do Sagrado Coração da Virgem Santíssima.

E tarefa *difícilíssima* — a gratidão, quando verdadeira e sentida, reveste tonalidades de tal delicadeza que quase impossível se torna trazê-la até ao cimo das palavras.

.....
O coração está contente ao ver os frutos sazonados e lindos que a árvore do seu querido colégio continua a oferecer a Deus e à Pátria.

Como antiga aluna, a quem a lição da Vida e a caminhada da existência vai ensinando muita coisa que os livros, só, não transmitem, eu compreendo e experimento aquele respeito sentido e aquela enternecida saudade com que as nossas Mães ou as nossas Tias recordavam junto de nós os tempos do Colégio...

É que, à medida que avançamos e vivemos, sabemos muito melhor que só *Vidas Vivas* assim puderam dar impulso e chama à obra grandiosa de educação que estas *Bodas* comemoram.

E para dizermos *Vidas Vivas* na plenitude do seu significado, a nossa alma visiona itinerários de ideal e abnegação; caminhos de ásperas ascèses e recolhido fervor; a trama oculta do silencioso dever de cada dia, em cada hora amado e servido; o bruxulear da lâmpada do Sacrário, companheira

da Oração que faz milagres: a fé, a esperança e a caridade das almas ardentes que, na esteira do Coração Imaculado, e sob a Regra do seu Instituto, vão dando o melhor das suas forças ao cultivo das seivas moças.

E para dizermos *Vidas Vivas* na plenitude do seu significado, diremos ainda *Vidas* ao longe repartidas e continuadas nas *Vidas* de tantas alunas que deste Colégio saíram e, hoje, andam dispersas pelos quatro cantos do mundo, desde as missões da Índia (aonde o coração me chama...) até às latitudes e caminhos mais diversos por onde a Vida as levou...

Vidas Vivas que, por isso que *vivem*, aqui estão presentes também na alegria da festa e no enternecimento da saudade, mas estão sobretudo presentes na graça vivificante das suas *Vidas* úteis, postas ao Serviço do Senhor e da Sua Igreja, da Pátria estremeçada, da Família nos moldes da de Nazaré, de toda a gama das dedicações sociais, apostólicas, civilizadoras.

E esta é — creio-o bem! — a *grande presença* e o *grande júbilo* do dia de hoje: a massa compacta das almas que, por todos os caminhos da Vida, justifiquem e reclamationem e enalteçam com suas *Vidas Vivas* a existência do nosso querido Colégio.

Estas *Bodas de Prata* são como a voz dum sino na Casa de Deus a repicar o *Magnificat*!...

.....
No círculo da família, todas as vozes têm o seu lugar e o seu tempo. E a minha voz de antiga aluna depara agora aqui a ocasião oportuna para dizer

a Deus
a Nossa Senhora
e ao seu querido Colégio

a única palavra que encontra e lhe sabe bem:

O B R I G A D A !
O B R I G A D A S !

Um pensamento eterno de Deus

Quem é o homem para que dele vos lembreis?

(SALMO VIII, 5).

É próprio de Deus vencer as distâncias, para estreitar a união com a sua criatura. Vemo-lo no livro da natureza, onde cada ser — na harmonia e variedade das partes que o compõem — é uma palavra que nos revela o seu Criador. Mas, como diz Mgr. Gay: *a natureza é apenas a sombra da graça*. Subamos, pois, mais alto: à região do sobrenatural.

Deus uniu todos os seres, pondo-os ao serviço do homem. Até o sol, as estrelas, e os próprios anjos o servem. Corroou, porém, todas as suas obras com a mais admirável união que podia sugerir-lhe a Sua Sabedoria. A distância infinita que O separa de nós, venceu-a fazendo-se homem, sem deixar de ser Deus!

Pelos séculos dos séculos, caminhará de união em união, unindo-se aos Seus eleitos e multiplicando os milagres da Sua amorosa Bondade, para os atrair a Si.

Ele em mim e eu n'Ele, é a minha vida, declara Isabel da Trindade. Voz duma alma consagrada a que se juntam tantas outras. Interroguemo-las, uma após outra, e responder-nos-ão: *Só um milagre da Omnipotência divina me tornou esposa do Verbo!*

O Eterno a inclinar-se para a Sua criatura, para a colocar entre os príncipes do Seu povo... (Salmo CXII, 8). Que distância vencida! Que inefável união!

É o pequenino ser, assim privilegiado, abisma-se no seu nada e repete com o Salmista: *Quem é o homem para que dele vos lembreis?*

Feliz da alma de quem Deus se lembra para a elevar a tão sublime altura!

Uma vocação que é senão **um pensamento eterno de Deus realizado no tempo?**

Escolhe o Senhor uma alma, chama-a a maior perfeição nesta vida, e predestina-a a uma glória especial na outra. A esta união sobrenatural e divina nenhuma existe, na terra, que lhe possa ser comparada. Que bem o compreendeu a rainha Dona Amélia e que bem o provou, na sua visita ao Colégio do « Coração de Maria », de Viseu, com aquele seu gesto cheio de nobreza, contado em « Vidas Vivas »:

— *Eu sou a esposa do Rei de Portugal, mas a minha Irmã é a esposa do Rei dos Reis*, — disse, obrigando a veneranda Madre Maria da Eucaristia Lencastre a tomar o lugar preparado para Sua Magestade.

A luz clara da sua ardente fé, reconheceu a verdadeira realeza!

Há, porém, tantos que assim não pensam e que perguntam até: — Para que servem os religiosos?! A esta pergunta, responderemos com outra: — Têm algum valor a oração e a penitência?

O mundo perde-se... Para o salvar, que pediu Nossa Senhora, em Fátima?

— *Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores!*

Cristo — como diz alguém — *é o abraço de Deus ao mundo e do mundo a Deus.*

É a alma consagrada é, no Coração de Cristo, uma hóstia incessantemente oferecida a Deus, pela grande Família Humana, para que ela se deixe abrasar na divina Caridade e sejamos todos « um » em Cristo-Jesus!



MARIA («antiga» do Colégio Inglês do Porto).



MARIAMONTE

O Colégio do Papa

— « É o Santo Padre que quer esta casa! » — disse, um dia, em Roma, a Madre Maria José Butler. E esta frase *pequenina*, dita com a firmeza humilde que a caracterizava, quando estavam em jogo as obras de Deus, deitou abaixo obstáculos *grandes*.

A fama da obra educativa das Religiosas do S. Coração de Maria, nos Estados Unidos, chegou até ao Vaticano, através do Cardeal Vannutelli, *Protector* do Instituto. E Pio XI queria que se abrisse em Roma um Colégio como o de « Marymount ».

Na audiência concedida à Madre Maria José Butler, em 1929, o assunto ficava decidido e o Santo Padre recebia, em seguida, um grupo de estudantes universitárias americanas. As suas togas académicas fizeram sensação no Vaticano: era a primeira vez que se admitiam senhoras à presença do Papa, sem o traje convencional!

A partir desse dia, a Madre Geral ocupou-se activamente do projecto.

Depois de fatigantes caminhadas, só encontrou uma casa que a satisfizesse plenamente: um palacete de construção moderna, na via Nomentana. Mas era tão pesado o compromisso financeiro que a coragem faltou-lhe e regressou à América sem se decidir a adquiri-la.

Voltou, no ano seguinte. Foram tantas as instâncias dos Amigos de Roma e da companheira de viagem, a Madre Marie-Gérard (sua futura sucessora no cargo de « Geral »), que sempre se resolveu a . . . *dar o mergulho* — como ela escrevia, com

graça, à sua Comunidade de « Marymount ».

A Providência recompensou a sua confiança com a mais agradável das surpresas: como prenda das suas « Bodas de Oiro » de Profissão (que ocorriam naquele ano) combinaram todas as Comunidades presentear a Madre Geral com o custo da casa de Roma.

E o novo Colégio abria, a 21 de Junho de 1930, com aparatosa cerimónia presidida pelo Cardeal Cerretti.

Dias depois, Pio XI recebia a Madre Maria José Butler e dava-lhe, espontaneamente, « uma bênção particular para a nova fundação romana » — o COLÉGIO DO PAPA!



*
Correm os anos. Em 1936, o Instituto é confiado ao alto patrocínio do Cardeal Pacelli. Mas eis que chega à América a notícia da morte de Pio XI e da eleição do Cardeal *Protector* para o Sólido Pontifício. E a Madre Maria José Butler acorre a Roma, pela derradeira vez, — minada já pela doença que, daí a meses, a havia de levar para Deus — e, prostrada aos pés do novo Papa, supplica, humildemente:

— « Tenho um grande favor a pedir... se Vossa Santidade se dignasse honrar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria continuando a ser seu *Protector* ? »

Accede o Papa ao instante pedido da veneranda Madre e conversa demoradamente com ela, mostrando grande interesse por todos os assuntos referentes ao Instituto.



Alunas do « Mariamonte » com o Papa e 3 sobrinhos de S. S. : Giovanni Rizzardi (1), Amalita Pacelli (2), Eugénio Pacelli (5)

A Madre Geral retira-se consoladíssima.

Aquela audiência fora a última alegria grande da sua vida, o seu «Nunc dimittis»...

* !

Deixa em Roma a Madre Santa Clara Mac Cornick e, sob a sua direcção, o Colégio progride. As instalações das alunas são luxuosas e confortáveis. Tudo ali está marcado por um cunho de distinção e de bom gosto que se harmoniza com o fim que a obra tem em vista: a educação das jovens das classes elevadas.

Os anos de guerra abrem novos campos de actividade. Ao lado do Colégio Italiano, com 250 alunas, funciona o Colégio Internacional, com 130 alunas, de dezassete nacionalidades.

Sob o Pontificado de Pio XII, «Maria-

monte» tem sido mais do que nunca o COLÉGIO DO PAPA. A sua Directora oficial é a Condessa Ana Palmieri, Sobrinha de Sua Santidade; a Marquesa Pacelli, Irmã de Pio XII, é hóspede habitual de «Mariamonte», onde tem aposentos particulares; e, na Classe Infantil, andam três Sobrinhos do Santo Padre.

Certo dia, Pio XII mostrou desejos de de conhecer os companheiros de Seus Sobrinhos. E lá foi o ranchinho todo visitar o Santo Padre...

Durante a audiência, uma aluna das mais novinhas, vendo o Papa tão carinhoso e familiar, salta-lhe ao pescoço, aos beijos.

Colhido de surpresa por aquela ingénua *infracção protocolar*, Pio XII sorri à pequenina e... — que havia de fazer um Pai? — retribue-lhe a ternura com um beijo, enquanto a poisa devagarinho no chão!



Vista exterior da Capela nova que abriga o túmulo do P. Gailhac

A Espiritualidade do Padre João Gailhac

P. JOSÉ CARVALHAES, S. J.

Se o estilo é o homem, como tantas vezes se afirma, também a doutrina espiritual define o perfil ascético do mestre de almas. Assim acontece, de maneira impressionante, com o venerando P.^o João Gailhac, fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria. Quem quiser conhecer-lhe a fisionomia espiritual, leia os seus escritos, tão abundantes e sempre tão cheios da sua alma. Quem quiser descobrir, com segurança, as linhas esculturais da sua espiritualidade, há-de entrar primeiramente na intimidade da vida sacerdotal deste grande apóstolo do século XIX, apaixonadamente identificado com Jesus Cristo.

Falava do que vivia. A doutrina era expressão vital, em letra ou palavra, duma íntima convicção, feita heróica e constante fidelidade à inspiração do Senhor.

Mas poderá, de facto, considerar-se João Gailhac como impulsionador duma verdadeira escola de espiritualidade, a par de tantos outros que, no decurso da história, enriqueceram com traços novos, de cunho ascético individualizado, a expressão diversamente matizada da santidade essencial da Igreja?

Afirmá-lo, seria, talvez, levar longe de mais a conclusão que os seus ensinamentos permitem deduzir. Nem se nos afigura ser esse o ponto de vista que aqui mais interessa, ao analisarem-se as características doutrinárias de quem, sem qualquer pretensão *inovadora* no horizonte espiritual, apenas teve o anseio de encaminhar as almas à perfeição, por trilhos já tradicionalmente assegurados, que mais eficazmente poderiam contribuir para a realização dum plano apostólico, traçado à luz de Deus.

E porque falava do que aprendia no convívio íntimo com a Sagrada Escritura e coma melhor tradição cristã, havia firmeza e decisão inabalável na orientação que imprimia às almas. Personalidade forte e carácter de contorno ascético inconfundível, esconde-se contudo ao falar, para ser simplesmente o *ministro de Deus*. A sua doutrina quer ser um eco fiel da única voz que importa ouvir tanto no sermão que prega ou na palavra que escreve, como no rumo que imprime à sua obra. O intermediário não conta: só Deus.

Há nos seus escritos a intencional transparência e toda a pureza duma mensagem sem artificialismos humanos, a deixar-nos saborear a frescura cristalina das nascentes, — a *Agua Viva* da Escritura e da Tradição dogmática da Igreja.

Não será este o melhor louvor da sua espiritualidade? Ela não é mera teoria : palpação de vida sobrenatural, isso sim. Daí a dificuldade, se se querem sistematizar rigidamente os ensinamentos do Padre João Gailhac.

Homem de Deus e homem dos outros homens, eis a síntese da sua vida. Levar à união de amor a Deus, e à entrega às almas pelo apostolado, tal foi o resumo da sua doutrina espiritual. Se a união com Deus pede todo o recolhimento duma sólida piedade, a imitação virtuosa de Cristo leva ao afan desbordante do zelo em favor do próximo.

Há páginas de Gailhac que lembram o fervor enternecido do Discípulo amado, como, por exemplo, ao soltar o seu affecto nestas labaredas de puro amor de Deus : *« Ó quando amaremos a Deus como Ele merece, como Ele pede aos nossos corações ! A santidade começa pelo Amor, cresce pelo Amor e pelo Amor chega à perfeição »*.

O contemplativo enamorado de Deus, também sentirá como S. Paulo esbrasiar-lhe no peito a chama dum zelo que não esquece a indigência espiritual de tantas almas : *« Pelas obras do bom Deus, assegurava o P. Gailhac, estou pronto a sacrificar-me inteiramente, até ao meu último suspiro »*. Bem sabia ele que o apostolado é outra maneira de dizer amor de Deus. E por isso, ao zelo que nos leva a *« trabalhar com Deus »*, chamou muito acertadamente *« chama do amor »*.

Só uma grande fé pode dar às almas semelhante visão sobrenatural da vida. E de facto, como afirma o P. Gailhac, *« a fé é a verdadeira vida »*, é ela que *« nos faz viver a vida de Jesus Cristo »*. Era essa fé transfigurante de todas as pessoas e acontecimentos, que garantia o sereno equilíbrio de Gailhac, perante as humilhações, ou em horas de sofrimento, e o autorizava a dizer-nos que *« as penas, os sofrimentos e todo o género de cruces, são graças e não infelicidades, um motivo de alegria e não de tristeza »*.

E aprecie-se também o *sentido prático* dos seus conselhos espirituais, em páginas que fazem lembrar o realismo tão cheio de bom senso da espiritualidade de Santa Teresa. Se Gailhac fala do amor de Deus, logo acrescenta : *« Amai-O com um amor de acção »*. *« Que toda a vossa vida, seja a prova deste amor »* : *« amai-O pela prática de todas as virtudes »*. É que Deus, dizia ele, *« quer provas reais do dom do nosso coração »*.

Espiritualidade orientada para a vida, de maneira a tornar culto divino, toda a actividade humana, eis um traço bem Ignaciano em que o Padre João Gailhac se compraz ao declarar que *« a oração se traduz pela vida »* ; *« se nós devemos orar com o espírito e o coração, necessário se torna também orar na acção »*.

Situando-se na linha duma autêntica e constante tradição católica, a espiritualidade de Gailhac, levará as almas à imitação de Cristo, na certeza de que sempre será esse o modo simples e mais eficaz de unificar, de olhos postos no supremo Ideal de perfeição, a prática das virtudes vitalizadas pela Graça divina : *« Imitai Jesus Cristo em tudo, sede a imagem de Jesus Cristo, copiai as suas virtudes »*.

Para nada faltar a uma doutrina ascética tão divina e tão comovedoramente humana, como não havia de intervir Maria, com o suave encanto do seu exemplo e todo o concheço da sua amorosa protecção? Na espiritualidade do Padre Gailhac, aprendida no regaço de Maria, palpita a mais filial ternura pela Mãe de Deus. Ele não sabe separar o Coração de Jesus, do Coração de Maria, tão juntos os tem no seu próprio coração : *« O vosso coração deve estar no de Maria com o de Jesus, e no Coração de Jesus com o de Maria »*.

Se a imitação das virtudes da Santíssima Virgem, é meio seguro para melhor reproduzirmos Cristo, na missão maternal de Nossa Senhora, via Gailhac um estímulo a orientar-nos a vida espiritual para a dádiva apostólica de Cristo às almas.

Que assim o entendeu, mais que os seus escritos e pregações, testemunha-o admiravelmente o *Instituto do Sagrado Coração de Maria*, cujo nome proclama bem alto a confiança do Fundador na Mãe de Jesus, e é expressão comovida de toda uma espiritualidade dirigida à conquista das almas para Deus.

BODAS DE OIRO



M.ª M.ª do Div. Coração

1
9
0
1



M.ª Maria Baptista

1
9
5
1



M.ª M.ª do Redentor

QUID RETRIBUAM?

*Nas contas do velho terço,
gastas de tanto resar,
vai a alma desfando,
a meditar,
as cincoenta « Ave-Marias »
— mistérios de gozo e dor
de uma vida a queimar-se
no braseiro do Amor...*

*Coração a transbordar
de gratidão,
mãos postas, olhos em pranto,
(também se chora de gozo santo!)
rompe a alma em prece ardente:
— que darei ao meu Senhor
por tudo o que Ele me deu?
que darei eu?...*

M. de C. (R. S. C. M.).

Celebraram este ano as suas « Bodas de Ouro » as três Religiosas cujo nome e retrato honram esta página de CORMARIAE.

A REV. MADRE MARIA BAPTISTA, Superiora Provincial dos E. U. da America e grande amiga de Portugal — onde trabalhou dedicadamente nos primeiros anos de vida religiosa — é tida, hoje, como uma das « Colunas do Instituto », por suas virtudes e apostólica actividade.

A REV. MADRE MARIA DO DIVINO CORAÇÃO — que, em longos anos de Superiorado, e em todos os cargos até hoje exercidos, tanta edificação tem dado e tão apreciados serviços tem prestado ao seu Instituto — celebrou esta festiva data em Fátima, acarinhada por numeroso grupo de religiosas, que representavam todas as Comunidades de Portugal.

A querida MADRE MARIA DO REDENTOR teve, em Lisboa, afectuosa e brilhante comemoração dos seus 50 ANOS de vida religiosa — anos ricos de fervor no serviço de Deus e de incansável actividade no rude labor do ensino, sempre recompensada por esplêndidos resultados nos exames e pela sincera estima e gratidão das suas actuais e antigas alunas.

MÍSTICA MARIAL

EXTRACTOS DUMA CONFERÊNCIA

(Rev. P.^e PASSAMA, capelão da Casa-Mãe)

À claridade desta Luz Nova — Mística Marial a um tempo tão rica e tão atraente — encontre cada uma, na máxima legada pelo venerando Fundador Tudo para Jesus por Maria, um sentido mais claro, uma renovação de forças, um estímulo mais enérgico para a realização da sua santa vocação.



Caminho a seguir

Se importa que o homem conheça o seu destino, para o atingir e salvar-se, é igualmente necessário que o religioso conheça o *Porquê* da sua vocação e o *Espírito* em que deve vivê-la, para alcançar o grau de santidade a que Deus o destinou.

Fizeste-vos religiosas porque ouvistes aquele *Vem e segue-me* que Nosso Senhor disse a Seus Apóstolos e que repete a toda a alma escolhida; porém, como todos os «chamados», não descobristes logo à primeira vista qual o caminho a seguir.

Indicando-vos o fim para o qual criou o vosso Instituto, o vosso Fundador indicou-vos, ao mesmo tempo, a maneira como deveis realizar a vossa vocação e o objectivo a que deviam tender as vossas energias espirituais.

Procurar a glória de Deus, santificando-vos pessoalmente e santificando as alunas que vos estão confiadas e cuja educação tendes a vosso cuidado é, pois, o vosso primeiro dever.

Encargo magnífico e tremendo

Que encargo magnífico e tremendo o da *vocação de educadora!* O que são estas crianças cuja inteligência, vontade e coração deveis formar? São as jovens que, amanhã, serão mães de família, e em quem a Igreja e a Pátria põem toda a sua esperança.

Futuras mães de família! Quem de entre nós compreende tudo o que significam estas palavras tão ricas de poder e de grandeza?

Porque, se o Pai tem o dever de sustentar e de dirigir o lar, a mãe é quem lhe atea a chama e lhe dá luz e calor.

É a mãe que trás o filho no seio e que já pode santificá-lo, pelo exercício das suas virtudes e pela recepção dos Sacramentos.

É a mãe que alimenta o filho, que segue, passo a passo, os seus progressos, que insufla nesta alma ainda tenra, os pensamentos, as palavras, as orações que ela guardou ciosamente no santuário do seu coração, como se fora um segredo, e que agora lhe vai revelando, na solidão do seu quarto, do qual sabe fazer um oratório.

E, enquanto a mãe ensina ao filho a pôr as mãos e a pronunciar o nome de Deus, é a vós, minhas irmãs, que ela revê na perspectiva do seu passado de jovem; são as vossas palavras, são os vossos gestos que eia repete, tal qual vós lhe haviéis ensinado quando ela era ainda criança.

A nova educadora—eco das vossas almas na sua alma

Esta nova educadora, esta «orante», fostes vós quem a esboçou, quem a moldou e lhe deu vida. Ela é a vossa imagem. As suas orações, os seus conselhos, os seus estímulos, tudo isso que é senão o *eco das vossas almas na sua alma?*

Compreendeis a influência que tendes, a responsabilidade e a função que Deus vos confiou, destinando-vos à educação da juventude?

Mas, se-tal é a vossa vocação, não convirá indagar com que espirito a deveis viver ou, se assim preferis, em que «mística» vos deveis inspirar?

Com efeito, cada Ordem Religiosa, tendo um fim comum a todas — glorificar a Deus e santificar os seus membros — tem, além disso, um *Ideal* que lhe é próprio, uma «mística» que a torna original, que a caracteriza.

E quanto a vós, minhas irmãs, acaso podeis também tirar das Regras do vosso Instituto o que constitui o seu espirito próprio, a sua originalidade, de forma a dar uma resposta clara e concreta à jovem que vos perguntasse qual o atractivo especial que vos determinou a tornar-vos membros da vossa Congregação, de preferência a outra qualquer?

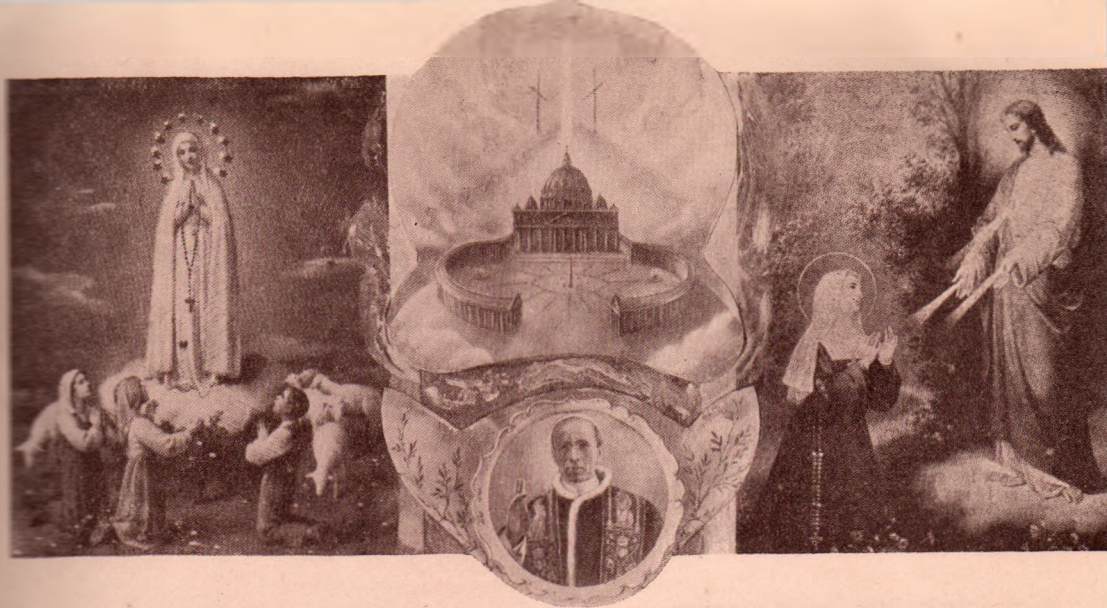
A Mística Marial, característica do Instituto

Temos de confessar que, como acontece muitas vezes na fundação das Ordens Religiosas, o vosso Fundador não viu claramente qual viria a ser o destino da sua Congregação, e foi muito mais sob a influência de inspiração profética do que no intuito de determinar o seu espirito, que ele deu à vossa Congregação o nome do **Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada.**

Com efeito, os acontecimentos actuais, pela luz que lançam sobre o desenvolvimento providencial do vosso Instituto, nos países estrangeiros, e pelas diversas aparições de Nossa Senhora, pedindo que o mundo honre particularmente o seu Coração Imaculado consagrando-se a Ele, revelam à vossa Congregação o seu verdadeiro fim e a sua verdadeira «mística».

É deveras impressionante o paralelo que a história descobre entre o desenvolvimento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a devoção ao Sagrado Coração de Maria.

A fim de reanimar no mundo a chama enfraquecida do seu amor, Nosso Senhor, por meio de aparições sucessivas, pede que o Seu Coração seja objecto duma devoção



particular, e quer que o mundo seja consagrado a este Divino Coração. Com as suas aparições, Ele próprio consagra a Ordem que faz profissão de O honrar propagando dum modo particular esta devoção.

E eis que a Virgem Santíssima, no desempenho da sua função de Co-Redentora e de Mãe dos homens, aparece também a pedir que o Seu Imaculado Coração seja especialmente honrado e que o mundo seja igualmente consagrado a esse mesmo Coração ao qual o vosso Instituto está consagrado, desde a sua origem.

Não vos impressiona o facto de a Providência (antecipando-se quase cem anos a estes acontecimentos), dar ao Padre Gailhac a inspiração de colocar o seu Instituto sob o patrocínio do **Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada**?

E não vedes expressa, nesta feliz predestinação, a vontade que Deus teve de determinar, de maneira bem clara, o fim do Instituto e a vocação de cada uma de vós?

Orientação vinda do Céu

Seja, portanto, o vosso objectivo trabalhar por meio da vossa influência e apostolado para que cada dia se torne mais universal essa Consagração do género hu-

mano ao Imaculado Coração de Maria, e tornar-vos vós, pela vossa piedade filial e pelo ardor do vosso coração, como que as novas apóstolas da Rainha do Céu.

Que atmosfera vivificante para as vossas almas, que alavanca para a vossa piedade, e que horizonte para o vosso Instituto, não oferece esta escolha de predilecção com que vos honrou a Mãe do Céu!

A vossa vocação já não consiste só em procurar o reino de Deus pela vossa própria santificação e pela educação das alunas que vos são confiadas, mas também em fomentar em vós e fora de vós, um amor profundo e conquistador por Maria, Co-Redentora e Mãe do género humano; em suscitar, pelas vossas orações, e pela vossa vida religiosa, um impulso irresistível para uma Consagração cada vez mais perfeita ao seu Coração Imaculado, para que se realize a salvação do mundo pela devoção àqueles dois Corações intimamente unidos — o Sagrado Coração de Jesus e o Sagrado Coração de Maria.

Talvez que alguma alma juvenil com verdadeira vocação — mas sem atractivo pelo apostolado do ensino — se sinta movida a entrar no vosso Instituto, para nele viver essa « Mistica Marial », a um tempo tão rica e tão atraente para almas novas e generosas como são, habitualmente, as que têm vinte anos.

Mas, o que importa, sobretudo, é que, à



*Caminhos que há-de correr,
Miragens que há-de seguir,
Nem ele os sonha sequer,
Nem ele os sonha a dormir.*

P. MOREIRA DAS NEVES

*Minha Mãe: a minha sorte
Anda unida ao teu destino,
Por mais homem que me faça
Serei sempre o teu menino.*

P. MOREIRA DAS NEVES.

Filhos e Netos das "Antigas"



MÍSTICA MARIAL

(Continuação da página 11)

claridade desta Luz Nova, cada uma encontrando, na máxima deixada pelo venerando Fundador **Tudo para Jesus por Maria**, um sentido mais claro, uma renovação de forças, um estímulo mais enérgico para a realização da sua santa vocação.

Que as vossas almas, renovadas por essa

orientação vinda do Céu, façam, de cada uma das vossas Casas, morada de predileção para o Sagrado Coração de Maria, e que Ela ali encontre essa chama que anda buscando para oferecer ao Seu Divino Filho:

Um mundo regenerado pelo Amor e pela Luz!

Roma vai falar do Padre Gailhac

A causa do venerável fundador, que tão auspiciosa aceitação teve em Roma, está seguindo normalmente o seu curso. Aos amigos do Instituto do Sagrado Coração de Maria, poderá parecer algo vagaroso o andamento do processo — tão desejosos estão de O ver nos altares — mas, não obstante a demora ocasionada pelo exame dos seus numerosos escritos, já alguém entendido no assunto pôde dizer que bem podia classificar-se de... « causa relâmpago ».

Com efeito, cinco anos apenas decorreram, após os preliminares da introdução da causa. Poucos meses depois, o Padre Gailhac apresentava OS TRES MILAGRES que haviam de merecer a aprovação da Santa Se e determinar a abertura oficial do processo, no dia 12 de Agosto de 1950.

O Santo velhinho, que, na terra, tão amigo era

dos pequeninos, continua no céu, a manifestar as mesmas predileções. Em Pábo (no sul da França), Jacqueline Alliès — um botãozinho de dois anos e meio — é atingida por grave e dolorosa doença: « acrodinia típica, com manifestações psíquicas e cutâneas. Vermelhidão das palmas das mãos e das plantas dos pés; insônia, perturbações parastésicas extremamente intensas nas mãos e outras manifestações de tipo di-encefálico, em particular alopécia ».

Depois de mês e meio de doença, a 15 de Abril de 1948, em seguida à aplicação duma parcela de roupa do Padre Gailhac, acompanhada duma oração pedindo a intercessão do Servo de Jesus, A PEQUENINA JACQUELINE ACHA-SE SÚBITAMENTE CURADA!

Desde então goza de perfeita saúde.



Era esse o meu caminho!



Rompeu, finalmente, aquele dia...

Nesse ano, as férias — com a ideia da separação próxima em continua perspectiva — tinham-me parecido muito mais pequenas...

Desfiz-me em lágrimas nos últimos dias.

Filha única, num grupo de três rapazes, de quem era a *rainhazinha*, os meus primeiros anos tinham decorrido num ambiente cristão e sereno. Será para admirar que a partida fosse imensamente sentida, de parte a parte?... Rompeu, finalmente aquele dia de Outubro em que, pela primeira vez, ia trocar a paisagem magestosa e tristonha de Trás-os-Montes pelo verde e alegre Minho.

Depois duma noite mal dormida, chegou a hora das despedidas. Recomendações e carinhos maternos, lembranças dos irmãos, um último olhar lançado furtivamente ao quarto... — queria levar bem gravadas na retina essas imagens queridas, à maneira de viático para as saudades que haviam de tornar longas as primeiras noites no Colégio.

Chegámos à estação.

O sinal de partida ecoou fundo no intimo do coração. Parecia que mo queriam arrancar do peito! — O comboio corria, corria... E, pela janela da carruagem, eu via afastar, afastar cada vez mais, a Vilazinha, berço dos meus primeiros anos...

Ai como eu queria prolongar indefinidamente aquela viagem! Mas Braga não ficava longe, e já avistava, erguendo-se alta, a Montanha Santa do Sameiro, donde a Virgem Imaculada abençoava o meu futuro, prometendo-me eterna protecção.

Foi o meu primeiro passo...

Já era noite quando meu Pai e eu chegámos ao Colégio. A hora adiantada, a imponência fria do átrio do velho e fidalgo edificio e o hábito religioso, que eu, pela primeira vez, contemplava, transformaram a minha tristeza em verdadeiro terror, ape-

sar da solicitude maternal com que me acolheu a Madre Superiora. O meu Pai despediu-se, deixando-me entregue — simbólica entrega! — não a uma religiosa, mas ao próprio Instituto. Foi o meu primeiro passo dentro do Coração de Maria...

Os sentimentos, que experimentei, naquelas primeiras horas, foram os que todas as crianças experimentam quando entram num Colégio, pela primeira vez. Mas, aos doze anos, os desgostos são fugazes. No dia seguinte, já companheiras transmontanas, novas como eu, começavam a tornar-me fácil a adaptação. Depressa adquiri gosto pela vida colegial. Em cada religiosa, encontrei um coração de Mãe — reflexo desse Coração Imaculado que lhe servia de modelo — e, se a minha idade e traquinices as obrigavam, uma vez ou outra, a castigar, sabiam fazê-lo com pulso firme, sim, mas também com bondade. Tudo isto ia despertando uma admiração crescente por essas Religiosas que, há pouco ainda, não conhecia, e às quais, dentro em breve, me prenderiam laços de infantil, mas profunda amizade.

Vi abrir-se um futuro de lutas...

Os anos do Colégio tinham decorrido, ora tranquilos, ora agitados. Ora entre trabalhos e aflições de exames, ora entre brincadeiras e castigos... Mas tudo isso lhes dava um certo sabor e cortava a monotonia do horário. Só mais tarde me apercebi de que, durante aqueles oito anos, Deus havia

começado a cavar na minha alma os aliteres fundos duma vocação.

Completado o curso liceal, chegou o dia da despedida do Colégio. Como na hora da partida de casa, desfiz-me, de novo, em lágrimas. E costume as finalistas, numa comovente cerimónia de adeus, entregarem o seu futuro a Nossa Senhora.

*Nesse mundo para onde ides
Tereis muito a combater...*

é o aviso que ouvem cantar, em doce melodia, como se do Céu lhes viesse. Já não foram lágrimas de criança, as que nesse momento, chorei. Diante de mim, vi abrir-se um futuro de lutas, incertezas e trabalhos. Ter de lutar sôzinha, nos grandes combates da vida, quando, até ali, mesmo nos mais pequenos, sempre tivera quem me amparasse — que dolorosa expectativa!...

*Acolhei-vos aos meus braços
Quando houverdes de sofrer...*

tão forte foi este abraço, que havia de prender-me, para sempre, ao Coração de Maria!

O ambiente do Lar era acolhedor...

Sentindo-me inclinada ao ensino, decidi tirar o curso do *Magistério Primário* e fui hospedar-me no *Lar* anexo ao meu Colégio. Custou-me muito a mudança. E, contudo, o ambiente do *Lar* era acolhedor. Depressa me cativou. Afinal, raparigas formadas por tão diferentes formas, constituíam uma só família. Realizava-se ali permanentemente esta frase que li algures: *Quando a família é numerosa, as alegrias multiplicam-se e as tristezas repartem-se.*

No regresso da Escola, juntávamo-nos na sala de estudo e, então, com que animação trocávamos impressões sobre os trabalhos, sucessos e contrariedades do dia! Alegrias, desânimos, tristezas, tudo sentíamos em comum.

Não era, por certo, este ambiente, resultado de iguais temperamentos e educações, mas fruto palpável da acção inteligente e compreensiva

das que nos dirigiam os primeiros passos no mundo, com o desvelo de irmãs mais velhas.

Só quando me vi em contacto com o mundo, é que comecei a ter uma visão mais clara da vida, é que pude compreender e apreciar a pedagogia adoptada pelas Religiosas onde fora educada. Pouco a pouco, ia-me sentindo atraída para um género de vida que me proporcionaria satisfazer a inclinação que tinha pelo ensino e as ânsias de perfeição que me atormentavam.

Qual cego numa encruzilhada...

À medida que o fim do curso se aproximava, a idea da vocação religiosa perseguia-me. Porém, a expectativa dos sacrificios que o estado religioso exigia, aterrava-me e não tinha coragem de encarar, de frente o problema.

As indecisões aumentavam, mais e mais... Com o pretexto de que me deixara influenciar pelo meio, afastava energicamente o pensamento da vida religiosa. Bem reconhecia eu a necessidade de tomar um rumo, mas formavam-se, no meu espirito, nuvens tão negras que me encobriam completamente a vontade de Deus. Entretanto, acabei o curso do *Magistério* e deixei o *Lar*.

Qual cego numa encruzilhada, em vão tentava descobrir o caminho a seguir...

Em outubro, entrei ao serviço, mas ficava a viver com os meus Pais. A vida tomava, agora, nova feição. Ao contacto com os pequenitos da minha escola, compreendi, melhor do que nunca, toda a nobreza da missão de professora: encaminhar para Deus os meus alunos, fazer deles seres conscientes dum ideal, capazes de o viver plenamente pela pureza de vida e cultura da inteligência. E, um dia, num relâmpago da graça, vi claramente que essa missão tão nobre e tão elevada, Deus me chamava a realizá-la... no estado religioso.

Não hesitei mais: **era esse o meu caminho.**

Descobri abrigo seguro...

Lançando, então, um olhar para trás, descobri abrigo seguro no Coração de Maria.

Comecei a dar os passos necessários para a entrada no noviciado. Pedida a exoneração do cargo, apresentava-se o problema crucial de comunicar à família a resolução tomada. — O que eu sofri nos últimos dias de casa, e na despedida!... Só Deus pode dar força para tais sacrificios. Só um ideal muito nobre e levantado pode justificar um passo que, obrigando a calcar o próprio coração, leva a esmagar o coração dos Pais!



FALAS DO CORAÇÃO

«A boca fala da abundância do coração».

Palavras singelas, que não se destinavam à publicidade, vão revelar-nos falas do coração, mais eloquentes do que longas e buriladas páginas de panegírico.

«Depois daquela reunião, até me julgo mais «menina e moça»... Nós juntinhas, à sua volta, parecíamos «as suas meninas», num dos recreios do Colégio. Que saudade! E quantas graças temos que dar a Deus e à SS.^{ma} Virgem, nossa Mãe, por nos considerarmos fiéis ao mesmo regulamento de então, que nos orientou tão bem para a NOSSA MISSÃO no mundo, para as nossas responsabilidades de mães cristãs!»

Maria do Amparo, «antiga de Viseu»
(Viscondessa de Rio Torto)

*

«Nessa tenra idade, formou-se em minha alma o Ideal que conservo ainda e que, por graça incomparável de Deus, encontrei na alma de meu marido. Assim, posso dizer que, no meio dos trabalhos e sofrimentos desta vida, somos felicíssimos... Pelo Natal, fui com meu marido, 5 filhas e o filho, à missa da meia noite ao Colégio do S. C. de Maria. Todos nós recebemos Nosso Senhor e o Henrique ajudou à missa com a sua batina e sobrepeliz (já está no 4.^o ano do Seminário, graças a Deus). Não calcula a alegria que eu senti, naquela hora! Estava no Colégio de Lisboa, é certo, mas eu «via» a capelinha de Viseu, onde aprendi a amar a Deus e a temê-Lo e recordava, com saudade e amor, as queridas Religiosas que me ensinaram.

Como havia eu de pensar, nos meus tempos de infância e juventude, na realidade desta hora!...

Agora, só falta a outra realidade tão desejada: ver o meu filhinho celebrar a sua missa!

Ana de Melo Noronha Galvão, «antiga» de Viseu

Era esse o meu caminho!

(Continuação da pág. 16).

Mas um outro coração — o de Maria — velava por todos. Ela soube dar-lhes, naquele momento, uma parcela do Seu abandono à divina Vontade.

Vencidas todas as dificuldades, fixou-se a data da minha entrada para 30 de Setembro, aniversário da morte de Santa Teresinha, Anjo da Guarda do meu Noviciado, modelo da minha vida religiosa.

Com grande alegria, fui encontrar entre o grupo de almas que, em comunhão de ideal, vinham oferecer a Deus a sua vida, uma antiga companheira que, nesse mesmo ano, acabara o curso do *Magistério*.

— Expressir a minha felicidade? Mas como? Se só a linguagem do céu a pode expressir! E para quê? Se só a entendem os que já a experimentaram e, a esses, diz mais o silêncio do que a palavra...

Com o Apóstolo S. Paulo, deixarei apenas escapar este grito de alma:

*O profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus:
quão incompreensíveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos!*

(AOS ROM. XI, 33)

(Das notas dum Novícia do S. C. M.)

Mosteiro de Alpendurada

Por minha Mãe acabo de saber que está próximo o dia pelo qual há tanto espera. Não quero que ele chegue sem vir trazer-lhe a certeza das minhas orações e da minha estima.

À primeira vista parecerá estranho que estas notícias possam interessar a um religioso metido dentro das quatro paredes do seu Mosteiro. E, bem vistas as coisas, nada mais natural.

Um lar cristão, que se forma, é mais um ponto luminoso, que sobre a terra há-de proclamar a Cristo; e nada pode mover mais um coração, que um dia se consagrou inteiramente ao serviço de Deus, do que ver que Ele vai ser mais amado e a sua glória difundida.

A Glória de Deus aumenta na medida em que O comunicarmos, e um dos melhores meios para levar Cristo às outras almas é, certamente, o do exemplo.

Felizes daqueles que, nesta época de tão acentuada crise moral, têm a compreensão clara do que é o casamento, na sua dignidade estupenda de Sacramento, a que Deus o levantou, e percebem que ele é um símbolo augusto da união de Cristo com a sua Igreja, que não pode encontrar mais perfeita tradução que na frase de S. Paulo: «Assim como a Igreja

Carta a uma Noiva

LUÍS MOREIRA DE SA E COSTA, S. J.

é submissa a Cristo, assim as mulheres devem ser submissas a seus maridos em todas as coisas; e vós, maridos, amai as vossas mulheres como Cristo ama a sua Igreja ».

Por tudo quanto de si conheço e pelo que sei do seu futuro marido, tenho razões de sobra para alimentar a consoladora esperança de que a nova família, que vai constituir-se, será esplêndida lição onde reina o Rei Divino.

Exemplos assim, pregam mais e melhor que muitos sermões eloquentes, porque neles não há palavras, que passam, mas realidades que se palpam; e o que atrai, subjuga e conquista é a verdade bem sentida e bem vivida.

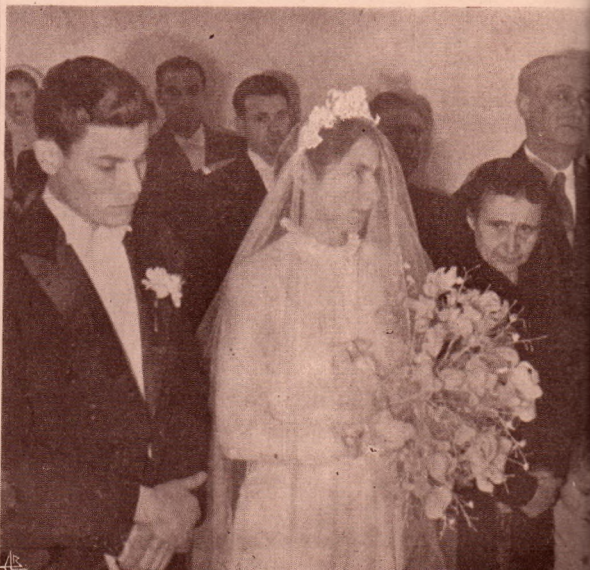
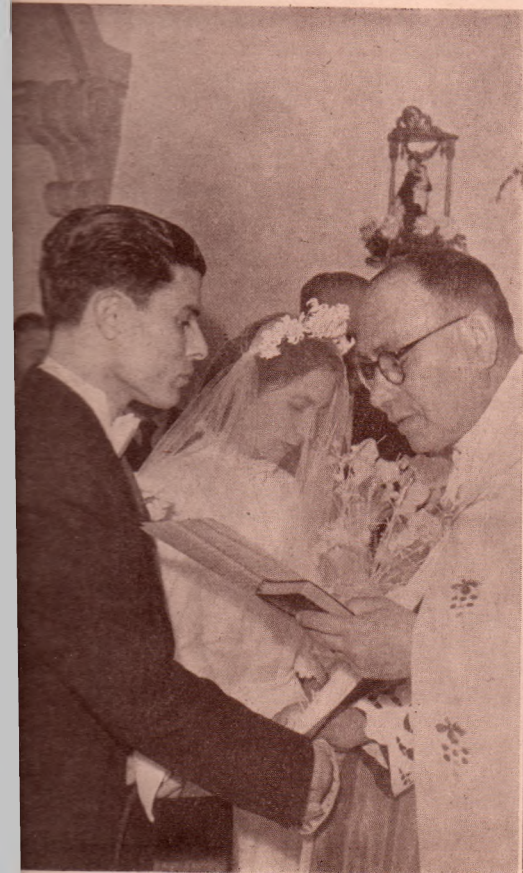
Por tudo isto é que neste momento me alegro intimamente e penso que se a vocação religiosa e a vocação para o casamento são dois ramos, que não se confundem, no Plano Imenso da Criação, no entanto ambas têm as suas raízes mergulhadas na mesma Fonte do Amor, que é o coração de Jesus; e se Deus leva as almas pelos caminhos que lhe apraz, convidando uns a sacrificarem, por Seu Amor, todos os amores legítimos da Terra, e abrindo pròdigamente aos outros a posse plena desses bens, contudo a todos considera, por todos subiu às alturas do Calvário e a todos destina a glória do Céu.

Só um do outro e os dois de Deus!

MIGUEL TRIGUEIROS.

Onde entra o amor tudo floresce.

MIGUEL TRIGUEIROS.





M.^a de Lourdes de Araújo Seara Sequeira
 (« Antiga » de Tuy e Braga)

Júlio Maria Rodrigues Sequeira

10 filhos

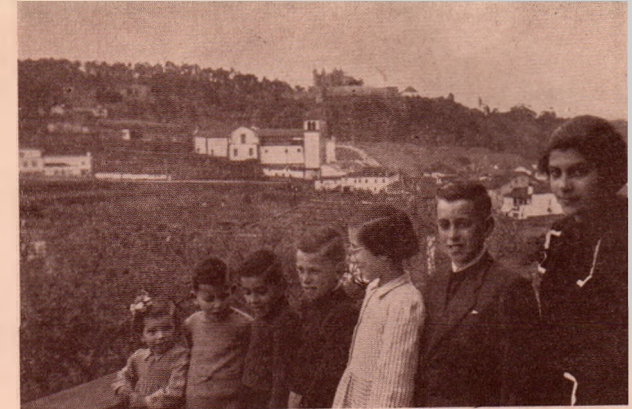


M.^a José Borges Peres de Figueiredo e Silva
 (« Antiga » de Espinho)

António de Figueiredo e Silva

13 filhos

Nota : De todas as famílias das nossas « Antigas » esta é a mais numerosa de que temos conhecimento.
 Ver o resto dos nomes no *« Anuário »* (últimas páginas) Fotos tiradas em 1947



M.^a Felicidade Correia Alves de Sousa Moreira
 (« Antiga » de Espinho)

Júlio César Alves Moreira

6 filhos

*Que tempo leva a ser « grande »
 Dia e noite, vida além !
 A fonte que se faz rio
 Quanto porfia também !*

A. CORREIA D'OLIVEIRA

(« Roteiro de gente Moça »)

*Ó meus filhos ! vossas almas
 São fios de água a cantar :
 Ser bom, na terra, é ser fonte ;
 Chegar a Deus ... é ser mar.*

A. CORREIA D'OLIVEIRA

(« Roteiro de gente Moça »)

M.^a Helena Ventura Outeiro de Oliveira Braga
 (« Antiga » do Porto)

António Brandão de Oliveira Braga

6 filhos

M.^a Henriqueta Godinho de Abreu Novais
 (« Antiga » do Porto)

João José Leite de Abreu Novais

7 filhos



Minha Mãe

*Quero sentir alívio da tua cruz pesada
 Que nesta vida arrasta sobre os ombros meus !
 E na tortura imensa, a tua voz magoada,
 A suplicar por mim ao coração de Deus !
 Ampara-me em teus braços, me-me ao teu seio,
 Dá-me os teus afagos, quero adormecer !
 Ó minha santa Mãe ! Escuta o meu anseio,
 Na luz dos olhos teus se acabe o meu sofrer !*

(Excerto duns versos inéditos)

JOSÉ CABRAL SOARES DA FONSECA



PIONEIRAS DA J. E. C. F.

O Colégio, escola prática da Acção Católica



Só quem deu o melhor do seu coração e da sua actividade a abrir, nesta boa terra portuguesa, os caboucos do grande edifício da ACÇÃO CATÓLICA, que hoje vemos erguer-se altaneiro e magestoso, é que sabe o que significa para a JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA o ano de 1933-1934.

Com a promulgação das «Bases», a J. C. F. — que já tinha à sua conta uma linda folha de dez anos de serviço — ingressou nas fileiras da Acção Católica. E logo começou a agrupar as suas associadas a dentro dos quadros dos ORGANISMOS ESPECIALIZADOS, sinteticamente designados por 3 letras, tão familiares agora aos nossos ouvidos mas que, então, nos pareciam ter um sentido estranho e misterioso...

Assim se formaram, pouco a pouco, a J. A. C., J. E. C., J. I. C., J. O. C., J. U. C..

Presente no 1.º Congresso Nacional

No mês de Maio de 1934, a J. C. F. realizava o seu 1.º Congresso Nacional. Lá estiveram a tomar parte cinco alunas do Colégio de N. S.ª do Rosário, do Porto.

De emblema ao peito, chama de entusiasmo no olhar, a Maria Carlota falou 10 minutos sobre a J. E. C. NOS COLÉGIOS, ESCOLA PRÁTICA DE ACÇÃO CATÓLICA.

Era opinião corrente, nesse tempo — não só entre o clero e religiosas, mas até entre a maioria das Dirigentes da J. C. F. — que a organização não se adaptava ao meio colegial, nem lhe era destinada. E, por isso, as companheiras que tinham ido com a Maria Carlota a Lisboa, ouviram imediatamente comentários como este: — «Acção Católica nos Colégios? Que utopia! a J. E. C. é só para os Liceus».

Todavia, ao findar aquele ano lectivo, já existiam secções escolares nos Colégios do Sagrado Coração de Maria, do Porto, Braga, Guimarães e Guarda.



Na "escola prática" da A. C. ...

1.º Curso de A. C. para Religiosas

Em Setembro de 1934, a pedido do apostólico Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, Presidente Nacional da J. C. F. realizava no Colégio de N. S.ª da Torre, daquela cidade, uma série de conferências de formação para a A. C.

Oitenta Religiosas, pertencentes a todas as Congregações que, na Arquidiocese, se dedicavam ao ensino, assistiram a este Curso tão interessante. Modesto ensaio dessas REUNIÕES NACIONAIS DE RELIGIOSAS, que o zelo ardente do Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro havia de promover, anos adiante, com tão notável êxito e proveito, o curso de Braga deu também frutos muito consoladores. Eloquentes e práticas, as conferências da Presidente Nacional despertaram, na assistência, um maior interesse pela Acção Católica e nelas colheram as futuras DELEGADAS TÉCNICAS esclarecimentos preciosos sobre a organização e funcionamento da J. E. C..

A palavra de ordem do Papa

Foi lenta e laboriosa a penetração do ideal da Acção Católica nos Colégios — para que negá-lo? Houve que vencer todos aqueles obstáculos que tornam sempre tão árdua a montagem de mais uma «roda» na complicada «engrenagem» dum Colégio: incompatibilidade de horários, colisão com as obras já existentes, e, sobretudo, a absorção do tempo pelas exigências dos programas oficiais.

Mas... o Papa tinha falado! O apostolado Jecista era, no dizer de Pio XI, elemento essencial da educação católica. E, em documentos dessa época, convidava os Religiosos e Religiosas a consagrarem o mais que lhes fosse possível as suas energias ao desenvolvimento desse santo apostolado moderno.

Obedientemente, a J. E. C. fez-se ao largo e, à voz do Papa, lançou as redes no meio colegial. — E que pesca abundante e compensadora não trouxe assim à Igreja, no decorrer destes 17 anos!

(Continua na pág. 25).

Ao seu ardente coração de apóstola, a "Maria Amélia" acalentou a «Juventude», nos anos que se seguiram à fundação da Acção Católica, no cargo de Presidente Nacional.



Primeiro: a oração; depois: a acção.



Na actividade
de acção...



Na actividade
da imolação.

O maior Amor

*Ninguém tem maior amor do que o que dá
a vida pelo amigo. (s. JOÃO, XV, 13).*

Há almas que não se contentam com *ler* estas palavras do Senhor, mas querem-nas *viver*. A Maria de Lourdes Silva, foi dessas.

Em certa manhã de Novembro — uma daquelas manhãs cinzentas e geladas, em que o Inverno entra agressivamente pelo Porto a dentro — a Lourdes vestiu o casaco e dirigiu-se à portaria, para ir até lá abaixo, à Ribeira, fazer a reunião das suas Jòcistas de S. Nicolau.

— Não vás com este tempo! — gritaram-lhe as companheiras. — As raparigas que se arranjam hoje sem ti.

A Lourdes encolheu os ombros, sorriu, (lembra-se do seu sorriso tão bondoso e franco?) e, antes que as mestras dessem por isso, meteu-se à lama e ao aguaceiro... Voltou à hora do almoço, transida de frio, a roupa encharcada.

Desde esse dia, não a largou mais uma tossezinha seca e impertinente. Pelo Natal, foi com as outras para casa mas, chegados « Os Reis », todas voltaram menos a Lourdes. As suas férias não acabariam mais...

— *Dei a minha vida pela Acção Católica!* — confiara, baixinho, a uma das religiosas, ao dar-lhe um último abraço de despedida.

Dai a pouco, partia para um Sanatório... Foi uma desolação quando isto se soube no Colégio! É que não havia aluna mais querida e mais popular do que a Lourdes. Com unanimidade que demonstrava eloquentemente o apreço em que a tinham, as companheiras haviam-na eleito Presidente da J. E. C. F., meses antes, e ela estava a trabalhar com ardor, dentro e fora do Colégio. Com o mesmo zelo presidia as F. de M.^a.

Por mais arredia que fosse uma alma, por mais difícil que fosse um caso, era raro não se sair bem das suas empresas apostólicas.

Na Maria de Lourdes, o prestígio vinha-lhe da virtude, e a eloquência saía-lhe do coração. Para os estudos, não tinha muita queda; foram eles até uma das suas principais mortificações.

Era tão equilibrada nela a vida espiritual que, sendo uma alma profundamente interior, mostrava-se tão humana e compreensiva que, na aparência, não se distinguia

PIONEIRAS DA J. E. C. F.

(Continuação da página 23)

Viveiros de Dirigentes

Uma vez feita a conquista do meio e conseguida a adaptação, pôde tirar-se a prova — não já com palavras mas com obras — de que a J. E. C. ajudava a fomentar nas alunas o espírito de piedade e de zelo. Outra conclusão se impunha ainda: Nesta actividade extra-escolar encontravam uma esplêndida oportunidade de desenvolver o espírito de iniciativa e outras qualidades de carácter, que lhes haviam de ser muito úteis, no decorrer da vida.

VIVEIROS DE DIRIGENTES, chamou um Prelado aos Colégios, ao constatar que deles procedia notável percentagem das raparigas chamadas a exercer cargos na A. C.

A J. E. C. nos Colégios é escola prática de Acção Católica.

De qualquer rapariga da sua idade. Dava gosto vê-la nos recreios! Jogava com tanta animação que todas queriam ser do seu grupo.

Grandes e pequenas, ajuizadas e traquinas, todas iam ter com ela. As próprias mestras se recomendavam às suas orações, quando algum cuidado maior as apoquentava. E, quando a viam pegar no véu para ir à capela tratar do assunto com Nosso Senhor, já ficavam mais animadas.

Que diria ela nas suas frequentes e demoradas visitas ao Santíssimo?

Livro, não se lhe via na mão; terço, poucas vezes.

— Lourdes, que fazes tu na capela, aquele tempo todo? . . .

E ela ria-se, para não responder.

Muito instada, um dia sempre confessou:

— *Conversamos os dois . . .*

Era donde lhe vinha a força para se imolar a sorrir. E a sua conquistadora irradiação sobrenatural, lá a ia buscar também.

Quando Nosso Senhor lhe pegou na palavra e atirou de vez com ela para uma cama, lá continuaram os dois a conversar, no quartinho branco do Sanatório . . .

Enquanto a doença lhe deixou forças para escrever, traduzia em cartas o que lhe ia no coração:

— *Quero abandonar-me totalmente a Nosso Senhor, para que Ele faça de mim o que Lhe aprouver. Quero entregar-me pela minha querida Acção Católica, pelas almas, transformando a actividade da acção, que eu tanto queria exercer, na actividade da oração e imolação. Assim, encontrar-me-ei novamente no campo do apostolado!*

Na manhã do dia 25 de Abril de 1938, durante a Acção de Graças da Comunhão, a Maria de Lourdes deixava suavemente a terra, quase sem agonia, dizendo, com o rosto transfigurado pela alegria da partida:

— *Vou para o meu Jesus!*

(M DE C., R. S. C. M.).

A Casa-Mãe — Relicário do Passado

Béziers é uma cidade antiquíssima. Séculos antes da era cristã, já a sua fama se estendia ao longe. No presente, a sua maior glória deve ser a de ter dado à Igreja de Deus um Padre que espera, em breve, venerar nos altares, e um Instituto religioso que, de ano para ano, tem mais expansão internacional.

No Ano Santo de 1950, não poucos peregrinos estrangeiros subiram ao alto do velho burgo, a visitar a Casa-Mãe das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, e houve quem, no regresso, descrevesse o « Conventinho » de Béziers nestas pinceladas coloridas:

Exteriormente nada de especial que faça adivinhar a sua presença. Nem a arte nem a poesia dum claustro medievo.

Lá dentro, repleto de almas e, nos alicerces, cimentando-os fortemente, um túmulo... De quem? — Apenas dum cristão que, em nossos dias, soube sé-lo...

Tão viva perdura ainda a memória do Padre Gailhac, e a da Madre S. João; tão penetrante é o perfume das suas virtudes que, ao percorrer aqueles claustros e longos corredores, temos a

impressão de seguir, passo a passo, o luminoso rasto das suas figuras queridas... E, então, baixamos à cripta da nova capela, e nos ajoelhamos junto aos seus túmulos, em silenciosa oração, a sensação de « Presença » acentua-se mais vividamente ainda.

Casa-se bem com a virtude heróica e simples dos Fundadores, a beleza austera e a rude singeleza daquela cripta, cavada sob o altarmór da primitiva capela de « cúpula redonda », onde, há um século, nasceu a Congregação!

E, foi precisamente para comemorar este Centenário, e dar morada condigna aos restos mortais dos Fundadores, que, ali, se levantou aquela joia de estilo românico, que é a grande e formosa capela da Casa-Mãe.

Iniciada em 1947, no período trágico que se seguiu à guerra

mundial, deve-se o arrojado empreendimento à fé inquebrantável, e ao perseverante esforço da Rev. Madre Marie Aloysius, 1.^a Assistente Geral do Instituto e Superiora Provincial de França.

Os arquitectos Roque e Brès — ambos originários de Béziers — foram buscar a inspiração a antigos santuários da região Mediterrânea.



Capela da Casa-Mãe — vista do interior
Na Cripta repousam os restos mortais dos Fundadores

Por menor curioso: a pedra empregada nos pilares e arcarias, foi a que serviu, há dois mil annos, para construir a ponte romana do Gard!

Serão estas pedras velhinhas um símbolo da perenidade da Congregação centenária, que a devoção do Fundador dedicou ao Coração Sagrado de Maria?

O que o lar paterno é para os filhos, é a Casa-Mãe para a Religiosa. Relicário do Passado, ali respira-se o mais genuino espírito do Instituto.

Ali, religiosas venerandas, relíquias dos tempos dos queridos

fundadores, prendem as novas, horas a fio, suspensas dos seus lábios, a contar coisas lindas e edificantes da «idade de ouro», que é a infância de todos os Institutos... E os feitos das antigas despertam emulações santas e suscitam novos brios no ânimo juvenil das que lhe herdaram a tarefa honrosa de perpetuar a obra dos fundadores».

E, por isso, apesar de cada «Província» ter o seu noviciado, em todos os países se mantém a tradição — interrompida, apenas, durante os anos de guerra — de conceder, a alguns dos seus membros, o privilégio de passar o tempo da formação no Noviciado de Béziers.



MR. PALLOT

Insigne benfeitor da Casa-Mãe, «Maitre» Pallot, Notário em Béziers, pertence a uma família onde é tradição bem-servir o Instituto do S. C. de Maria.

Coisas dos nossos miudinhos

O Joãozinho é muito bom rapaz mas... não gosta lá muito da água nem do sabão.

No dia dos anos, teve lanche de festa e levou toda a manhã na cozinha, a ver fazer os doces.

— Se fores lavar a cara

muito lavadinha, dou-te um bocado de bolo, — disse-lhe a Mãe, — e se lavares muito bem as mãos, dou-te dois bocados...

— Ó mãezinha, diga lá: — se eu tomasse banho, dava-me o bolo todo?!

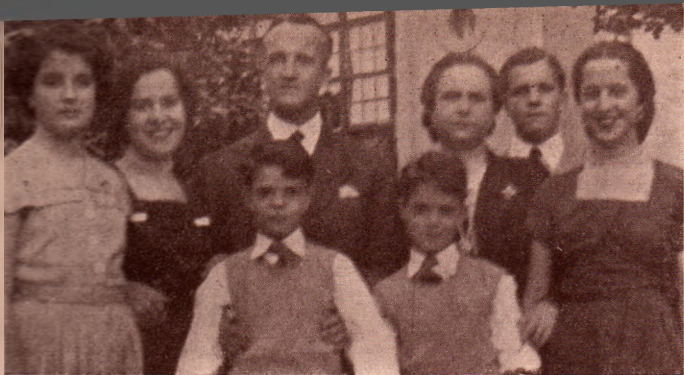
(do «Appel du S. C. de Marie», Béziers.)

A pouca distância de Béziers fica a quinta de Baysson



Nos feriados, é de tentar um passeio até à «Roseruie»





M.^a Luisa Martins de Menezes Velloso
(« Antiga » de Tuy)

Augusto Martins Velloso Ferreira

6 filhos



M.^a da Glória de Sande Pacheco Sacadura Botte Ferreira Cabral
(« Antiga » de Tuy)

António Ferreira Cabral Barbosa Campello Losada

11 filhos

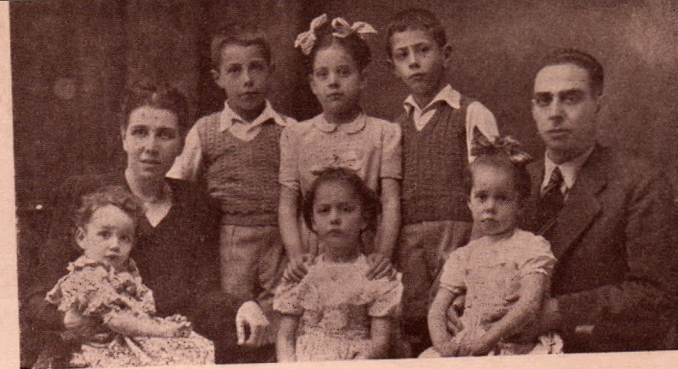
Nota: Grupo tirado no casamento do pai; figura na foto uma prima

Filhas, Netos e Bisnetos de D. Arminda Vieira Cardoso de Araújo, 1.^a aluna portuguesa do S. C. M.

M.^a da Conceição Ramos de Araújo Jorge
(« Antiga » de Lisboa e Porto)

Fernando de Araújo Jorge

8 filhos



Berta Alda Moreira Leão
(« Antiga » de Braga)

Victorino Barbosa Leão

6 filhos

*Oh! Desgraça, vai-te embora,
que esta linda criancinha
Andou no meu seio e agora
Trago-a nos braços. É minha!*

*Do berço segue-me os passos;
Onde eu vou, seus olhos vão...
E quando a aperto nos braços
— Abraço o meu coração.*

AUGUSTO GIL

(«Toada para as mães acalentarem os filhos»)

*Casinha branca, asseada,
oh! casa de Nazaré,
louvada sejas, louvada,
por quem no Lar tenha fé!*

*...
Tu na costura, entretida,
eu, trabalhando na vida,
e ele entre mimos ao pé...*

*Sem ser a tanto elevada,
lembrava a nossa morada,
a casa de Nazaré!*

ANTÓNIO SARDINHA

(«Era uma vez um menino»)

Helena de Araújo Rosas da Silva
(« Antiga » de Tuy)

Mário José Rosas da Silva

9 filhos

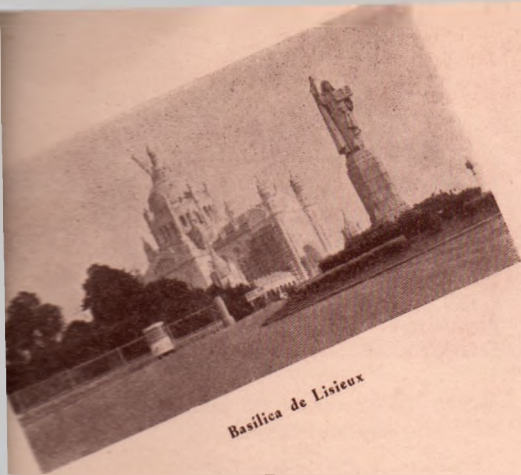


M. Arminda Cardoso de Araújo Jorge
(« Antiga » do Porto)

Eurico Dias de Almeida Jorge

5 filhos





Basilica do "Sacré-Coeur"

PERSPECTIVAS

Diz-se frequentemente — e as mais das vezes com razão —, que a realidade fica sempre aquém da ideia que dela se formulara.

Há no entanto, e felizmente, muitas exceções, e penso que a França é uma delas.

Desde os bancos do liceu, todos nós conhecemos, estudámos e admirámos esse belo país que se espraia para lá dos Pireneus. Porém, ao surgirem pela primeira vez diante de nós os imensos campos verdejantes da velha « Gália Transalpina », ela é para nós uma revelação de beleza!

Quando percorremos as ruas daquela cidade que se ergue ao sul de Paris, a *Cité Universitaire*, e lemos na frontaria dos seus edifícios os nomes das mais remotas nações do globo, compreendemos a significação destas duas palavras *cultura francesa* e, posto de lado qualquer sentimento de nacionalismo estreito, devemos repetir que « *tout homme a deux patries: la sienne et la France* »; quando, ao lado dos conceitos de imoralidade e descrentização, que andam tão ligados à palavra *França*, vemos erguerem-se, cheios de heróico entusiasmo, todos aqueles que levaram a cabo a « *Mission de France* », a « *Mission de Paris* », os « *Foyers Universitaires* », e os que, por amor duma causa santa, não recuaram perante trabalhos forçados e campos de concentração, temos de reconhecer a riqueza dessa raça que parece não admitir a mediocridade.

*

Se « *lire c'est partir un peu* », estas linhas vão levar-nos até ao longínquo Paris, neste ano do bi-milenário da sua fundação.

Quem, deixando o *Boulevard Raspail*, entra na *Rue d'Assas* e durante uns bons minutos caminha ao longo dos prédios sombrios desse bairro parisiense, cheio de tradições religiosas e culturais, encontra, à sua esquerda, um grande edifício de tijolo escuro: é o **Instituto Católico de Paris**.

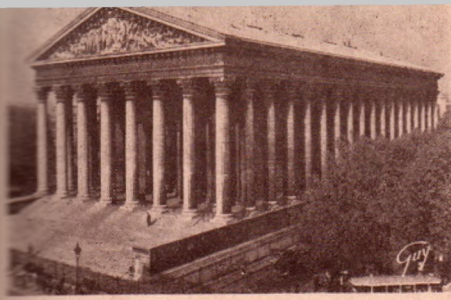
Nesse estabelecimento de ensino superior livre — a que nós chamaríamos *Universidade Católica* — reuniram-se estas férias, durante o mês de Julho, representantes de vinte nações, seguindo um « curso universitário de verão ».

Além da Europa, Inglaterra e Irlanda, Américas do Norte, Central e do Sul, estavam também presentes a Austrália, as Filipinas e a Rússia, perfazendo o total de 101 estudantes — frequência considerável num curso que se realizou pela primeira vez este ano.

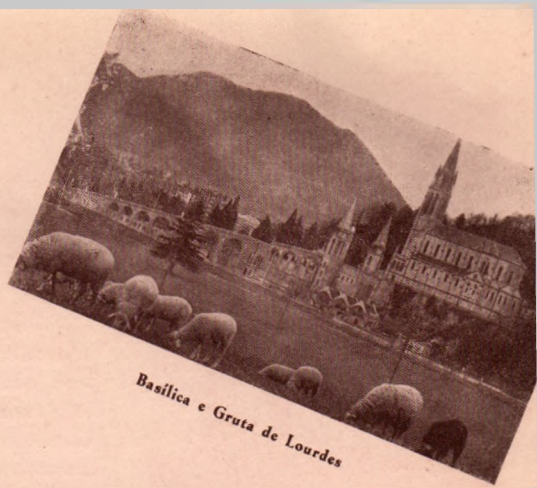
No Colégio de Paris

Vista geral de Paris





Igreja de "La Madeleine"



Basilica e Gruta de Lourdes

DE FRANÇA

Portugal foi representado por um sacerdote claretiano, por três religiosas do Sagrado Coração de Maria e por duas alunas do seu Colégio do Porto.

Num ambiente da mais franca simpatia se foi desenvolvendo o tema geral proposto: o conhecimento da França. Em aulas magistrais, dadas por entidades da maior cotação no meio intelectual de Paris, foram tratados problemas de Língua, Literatura, História, Geografia, Filosofia e Arte Francesa. Conferências vibrantes de actualidade apresentaram os aspectos do pensamento religioso da França e os seus grandes problemas sociais, jurídicos e pedagógicos, assim como as actuais tendências da Música, do Teatro e Cinema francês. Um curso de Música religiosa e de Canto litúrgico foi também organizado pelo Instituto Gregoriano, para os alunos do «*Cours d'Été*».

Na impossibilidade de abranger tão vasto programa no espaço de um mês, foi deixado à escolha dos estudantes um determinado número de matérias.

Sempre solícita em satisfazer os gostos dos alunos, a direcção facultou aos que assim o desejaram, a assistência a uma sessão da Assembleia Nacional. Parece que nesse dia os debates foram bastante moderados, e alguém lamentava:

— *On n'a pas la chance d'assister tout les jours à des scènes de pugilat!*

Três tardes eram reservadas, em cada semana, para visitas a Paris, «*ce monument unique au monde*», como disse Charles Péguy. Ao Domingo, depois da Missa celebrada para os estudantes na «*Cripta dos Mártires*» — que ali cairam gloriosamente, na era da Revolução —, a excursão levava-os até aos pontos mais célebres e pitorescos da *Ile de France*: *Versailles, Port-Royal, Fontainebleau*, etc.

Um dia atravessámos, como outrora Péguy, as imensas planícies da *Beauce*, em demanda da velha catedral de Chartres, que ergue a sua «*flèche irréprochable*» no meio desse mar de espigas. E, antes de penetrarmos no interior do silencioso templo gótico, repetimos com o poeta:

*« Nous arrivons vers vous de Paris capitale,
Nous arrivons vers vous de l'autre Notre-Dame,
De celle qui s'élève au coeur de la cité,
Dans sa royale robe et dans sa majesté,
Dans sa magnificence et sa justesse d'âme ».*

Vista geral de Béziers



Na Casa-Mãe





Notre Dame de Paris

No fundo da Normandia, Lisieux ofereceu-nos uma recordação inesquecível.

Quem desembarcava na pequena gare e seguia pelas ruas de prédios ainda esburacados ou meio destruídos pela guerra, depressa ouvia a notícia: — *Pauline est morte, la soeur de Sainte Thérèse!*

Foi no dia 28 de Julho que a *Mère Agnès* adormeceu no sono da paz. Dois dias depois passámos diante dela, incorporados na longa fila que ininterruptamente avançava pela pequena igreja do Carmelo: era bem a Paulina que conhecíamos dos retratos quem ali descansava, no meio do coro, entre as flores brancas do seu modesto ataúde. No rosto, levemente inclinado para a direita, conservava a mesma expressão de energia aliada a uma profunda tranqüilidade.

Uma habitante de Lisieux dizia-nos, reprimindo as lágrimas: — *C'est quelqu'un de très cher qui vient de nous quitter!*

Mas no coração de quantos tiveram de se afastar dessas grades, nasceu a esperança de que a missão da *Mère Agnès* não terminou ainda.

Vai começar a viagem de regresso. O comboio parte da *Gare de Lyon* e segue em direcção a *Troyes*.

Aqui e além surge ainda o Sena, rolando fielmente a caminho de Paris. Depois, o Ródano põe uma mancha azulada, ondulante, entre o verde carregado das vertentes do Massiço Central. Em *Sète* é uma inundação de azul que traz até junto da linha férrea as águas pacíficas do Mediterrâneo e, finalmente, chega a estação de *Béziers*.

No silencioso « conventinho da *Rue Ermengaud* » as pedras centenárias têm uma linguagem cheia de eloquência, e uma inscrição confere ao ambiente um sabor de eternidade:

« C'est ici le lieu de mon repos. Je l'ai choisi, je ne le quitterai plus ».

Quem desce ao recolhimento da cripta e se encontra diante da singela frase: « *Ici repose le Père Pierre Jean Antoine Gailhac...* », admira e agradece as fadigas que precederam esse justo descanso, e que o levaram a semear tão longe a « sua semente ».

*

Lourdes! Lado a lado com a frescura e exuberância da natureza pirenaica, encontra-se o sofrimento, a miséria humana; mas o antagonismo é apenas aparente.

Dir-se-ia que através das chagas e disformidades que mergulham nas águas da *Imaculada*, vem já a despontar a alvorada eterna. E Deus aparece, nas macas dos doentinhos como na beleza das montanhas escarpadas.

Bem podem repetir-se aqui os versos do poeta de *Chartres*

*« Voici le lieu du monde où tout rentre et se tait,
Et le silence et l'ombre et la charnelle absence,
Et le commencement d'éternelle présence,
Le seul réduit où l'âme est tout ce qu'elle était ».*

(Continua na página 40)



Inês Chambers Tasso de Sousa da Rocha Leite
(«Antiga» de Tuy)

António Pinto de Oliveira da Rocha Leite

8 filhos

NOTA — Frequentaram Colégios do S. C. de Maria: a Avó materna e todas as suas irmãs; o Avô materno (quando pequenino), e todas as suas irmãs; a Mãe e todas as suas irmãs.

Elvira Melo Nogueira Sousa Lopes
(«Antiga» de Espinho)

Manuel de Sousa Lopes

9 filhos

M.^o Rosa Moreira Pereira
(«Antiga» de Braga)

Dr. Henrique Domingos Pereira (falecido)

5 filhas

M.^o Carolina de Jesus Gama F. Macha
(«Antiga» de Braga)

Francisco Ferraz Machado

8 filhos

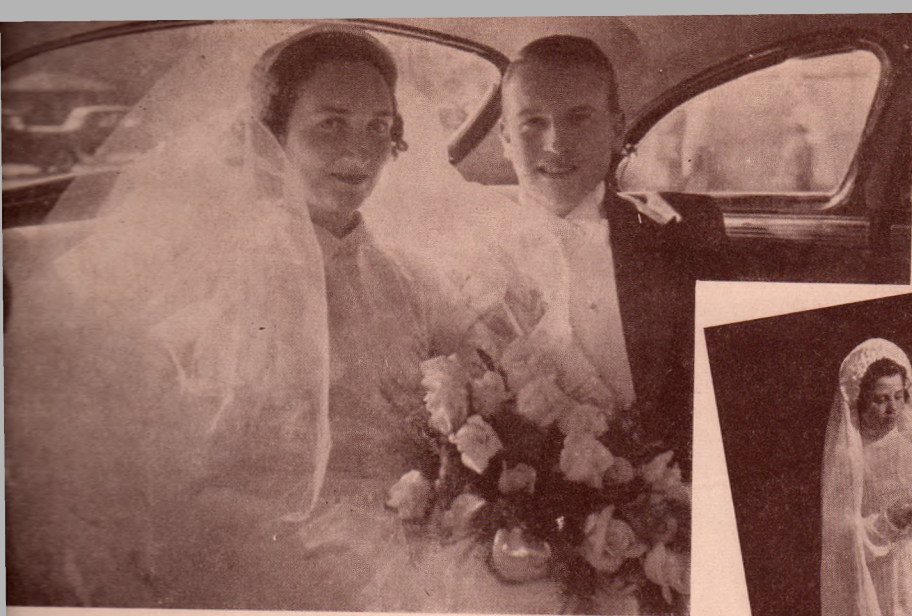
M. Josefina de Oliveira Correia Rebelo
(«Antiga» de Viseu)

Domingos Maria Xavier Rebelo

6 filhos

NOTA — Grupo tirado nas «Bodas de Prata», em 1946





A caminho do LAR, com a bênção de Deus

HORAS E GRAÇA



Tem outra graça o catecismo, quando é a Mãe ou a Avó que o dão...

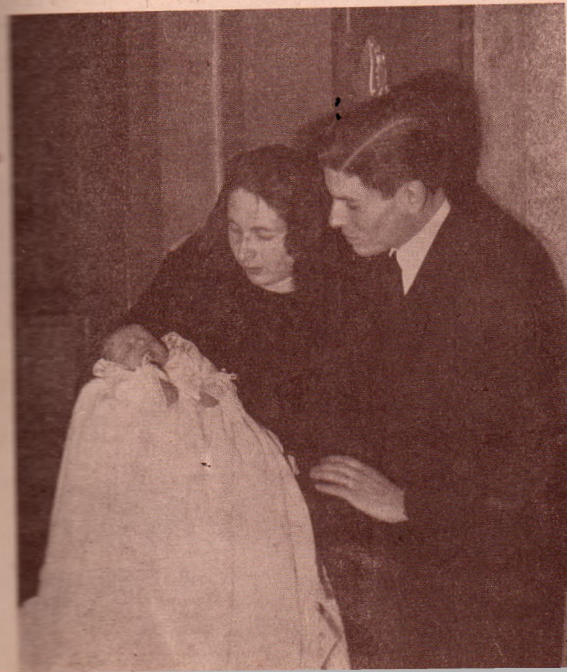
O melhor da esmola é a ternura deste beijo dado ao pobresinho...

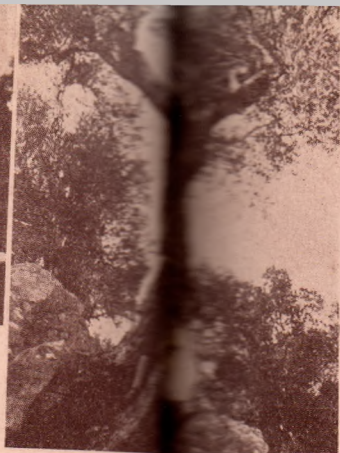


Comunhão Solene — Profissão de Fé — dois passos que marcam na vida!



Filha de Deus — que nobreza! E os Pais olham para ela com amor e respeito...





O Instituto do

S. C. de Maria

EM FÁTIMA

Ano do Jubileu Universal, ano Mariano da Assunção! Não podia ser mais oportuna a data para a abertura da nova casa oficialmente inaugurada a 29 de Abril de 1951, com a presença de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria, Rev. Clero do Santuário e Missionários da Consolata, Rev. P. Moreira Neto S. J., e numerosa representação de Superiores e Religiosas das Comunidades, dos Colégios e Lares que o Instituto possui em Portugal.

«Solar» do S. Coração de Maria, lhe chamou a autora do soneto que se lê noutra página. E, com efeito, se meditarmos na escolha do local, e se aprofundarmos o sentido da palavra, veremos que é o nome que melhor lhe convém.

— Não será o Santuário de Fátima — lugar escolhido por N. Senhora para revelar ao mundo as ternuras e misericórdias do Seu Coração maternal — o cantinho da terra onde mais direitos assistem às Filhas deste Sagrado Coração, para aí estabelecerem o seu «Solar»?

— E não terão dado as Religiosas continua e carinhosa hospedagem às antigas e actuais alunas, às estudantes dos seus Lares, a grupos de exercitantes, às numerosas peregrinas nacionais e estrangeiras, que em Fátima, têm ido acolher-se ao «Sagrado Coração de Maria?».

A inauguração desta casa — ansiosamente desejada desde que, a 1 de Junho de 1948, havia sido benzida a 1.^a pedra — constitui um acontecimento



Irmanadas na fé e devoção, a Esposa do Presidente e a Irmã do Papa — simbolizam a união de Portugal fidelíssimo ao Romano Pontífice — assistem, lado a lado, às cerimónias do Encerramento do Ano Santo.

que marcou nos Anais do Instituto. Foi verdadeiramente providencial coincidir com as cerimónias do Encerramento do Ano Santo, pois ali se puderam abrigar cerca de 200 pessoas, na noite de 12 para 13 de Outubro, e recolheram-se dezenas de carros no terreno adjacente ao Colégio. Na diversidade de línguas, parecia uma Torre de Babel, o que ocasionou casos engraçados e, não poucas vezes, foi o latim litúrgico que ajudou a salvar a situação.

Assim, quando alguma das peregrinas belgas (de origem flamenga) queria saber do sacerdote que dirigia a sua peregrinação, perguntava às Irmãs: — Pater Noster? . . .

E um peregrino alemão, ao entrar no vestibulo, disse, a modo de desculpa, apontando para o fato empoeirado e o desalinho da sua «toilette»:

— Domine, non sum dignus! . . .

Ao lado dos episódios graciosos, quantos edificantes, que não é possível registar em tão breve espaço, e que devem ter consolado imensamente o Imaculado Coração de Maria.

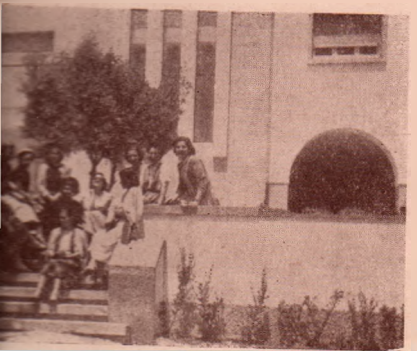
A 22 de Outubro, passada a enchente de peregrinos, e estando completados os últimos preparativos, abriram as aulas no Colégio de Fátima. E, porque nem todas comparecessem naquele dia, a abertura fez-se com . . . 15 alunas — o número simbólico naquela terra de bênçãos!

Religiosas e alunas do Colégio de Fátima na «Loca do Anjo» e nos «Valinhos»

Elegante e sóbria de linhas, a Casa Nova ergue-se por entre arvoredo, a curta distância do Santuário (como se vê nas gravuras do friso superior). No alto da Serra d'Aire, a atmosfera é mais pura para a alma e para o corpo...



Alunas dos Colégios do Porto e de Guimarães, e estudantes dos Lares de Lisboa e Coimbra, apreciaram, nas suas visitas, as confortáveis instalações de que está dotado o Colégio de Fátima.



Fala o Papa

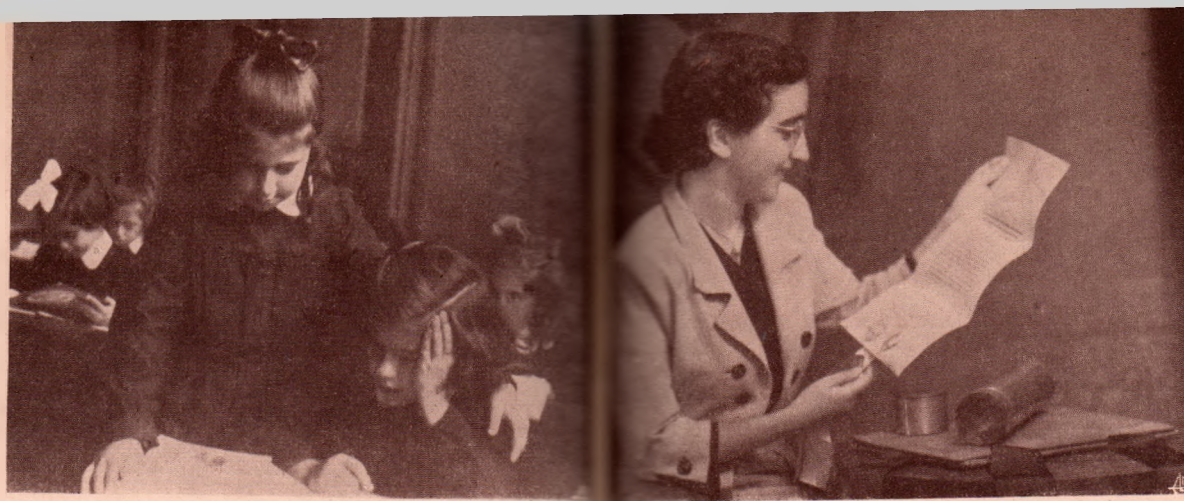
às mulheres católicas

«No decurso destes quarenta anos o mundo caminhou com vertiginosa rapidez.

Ressoam de cada vez mais altos e penetrantes os gritos de socorro para as infelizes condições da família e das jovens gerações... Contra este mal, não há senão um remédio:

A firmeza da fé nos Pais;
O exemplo dos Pais.

Quem não lhe reconhece a insubstituível eficácia? A oração do



Do A B C à «Carta» de Doutora

— quantos cuidados e canseiras... —

Pai e da Mãe em conjunto com os filhos, a conscienciosa fidelidade na santificação das festas, a linguagem respeitosa quando se trata da religião e da Igreja, a plácida e diligente, honesta, leal, irrepreensível conduta da vida.

Não esqueçais que uma boa educação que abarque toda a vida, especialmente o domínio de si-mesmo, é ainda a melhor formação no campo da pureza.

Dai-vos, pois, amadas filhas, ao trabalho, com uma clara visão do fim que tendes em vista: a salvação do matrimónio cristão, da família e da juventude».

A Obra mais bela

P. JOÃO

CABRAL, S. J.

... «Arranca o estatuário uma pedra, dessas montanhas, tosca, bruta, informe, e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem».

Era uma pedra tosca; «fica um homem perfeito, e talvez um santo que se pode pôr no altar».

O artista é, dalgum modo, um criador: organizando a matéria informe, dá-lhe forma e beleza.

Educar é obra mais bela ainda.

Educar é dar: dar graça, dar beleza, dar vida. Dádiva que não é só de coisas exteriores. O verdadeiro educador tem que se dar a si mesmo. E só quando esta doação pessoal acompanhar os outros dons é que ele educa realmente.

*

Educar é a missão nobilíssima das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, benemérito Instituto que tem dado à Igreja e às nações pleiade tão distinta de

educadoras. Entre todas, levanta-se uma de grandeza desmedida: a Madre Maria José Butler, fundadora do admirável Colégio de *Marymount*, em Tarrytown, Nova Iorque.

Foi educadora extraordinária porque foi extraordinariamente generosa: dava e sabia *dar-se* em cada um dos seus dons. O presente material nunca ia só: ela mesma o acompanhava, com a delicadeza do seu pensamento e a bondade do seu coração.

Era sempre assim: nas coisas grandes, e nas pequenas. Dava com tanta simplicidade, tão naturalmente, que, muitas vezes, quem recebia, só mais tarde reparava na delicadeza do dom recebido.

Era a medalha para uma aluna entristecida com saudades de casa; a lembrança para uma religiosa oferecer aos pais; roupa e comida para os pobrezinhos; uma palavra de encorajamento a um missionário; um simples bilhete de parabéns... mas, em tudo isso, ia o dom

interior de si mesma, o que tornava tão apreciadas as suas dádivas.

*

Foi este o riquíssimo legado que deixou ao Instituto, como Superiora Geral. Foi assim que formou raparigas sem conto.

E, de cada uma das suas religiosas, exigia a mesma doação generosa, sacrificada e sobrenatural: nunca a oferta só, mas a educadora acompanhando a sua oferta.

Toda a vida da Madre Butler está cheia disto.

Uma universitária ficava de castigo, justamente privada de «fim de semana», e ocorre o seu aniversário. Sente toda a revolta dos seus vinte anos. Sôzinha no seu quarto, agita-se numa luta terrível. Ouve bater à porta. É uma Irmã com um bolo; um bolo de anos, e as vinte velas acesas, em cima!... Ao lado, um bilhete da Superiora a felicitá-la, e a dizer-lhe que a espera. Foram gotas de bálsamo

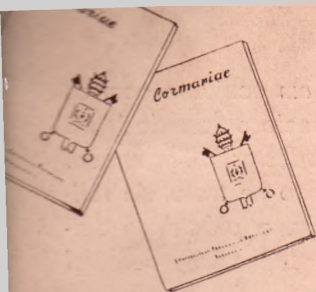
naquele coração ferido. Quando, mais tarde, depois da Bênção do Santíssimo, a Universitária entrou no quarto da Madre Butler, a paz foi perfeita, e a alegria completa.

A irmã duma Religiosa gravemente doente, escreve todos os dias a dar notícias. Que delicadeza nessas cartas, na carta em que lhe comunica a morte!... Para a consolar, manda-lhe o Crucifixo que tinha recebido o último beijo da irmã querida.

São muitas as pessoas que conheceram a Madre Maria José — pois morreu a 23 de Abril de 1940 —, muitas as que esperam vê-la nos altares.

A Madre Butler revelar-nos-ia então, com aquela autoridade que só os Santos têm, «o seu segredo» — *dar-se*.

Deu às almas a sua vida, mas a sua vida era Cristo: *mibi vivere Christus est!* Educar é isto. Não há obra mais bela.



⓪ que se diz de Cormariae...

CORMARIAE, como instituição formativa, e o seu anuário em bela expressão gráfica, são manifestações vivas duma sublime fraternidade cristã, cujos laços unem num mesmo escopo de perfeição moral o Passado e o Futuro — os persistentes ideais duma juventude que pouco a pouco se esfuma e os germinantes anseios duma juventude que desponta.

Coimbra, Setembro de 1951.

Samia Teles

Fiquei verdadeiramente encantado com o bom gosto e o conteúdo da Revista. Creio que não haverá antiga aluna das Religiosas do S. Coração de Maria que a não adquira. Até na selecção e disposição artistica das fotografias, na divisão em parágrafos dos artigos, se nota um delicado sentido artistico.

Guimarães, 16 de Dezembro de 1950.

João Maia, S. J.

... e os entretidos a ver o «Cormariae»...

«Venho, enfim, expandir a satisfação que me invade a alma, ao ler CORMARIAE. Se visse com que emoção e carinho recebi a revista! Quantas vezes a li? Já não sei. Foram várias, desde a Dedicatória até ao «Laus Deo et Mariae»... Caio sempre na tentação de recomençar... Encanta-me a boa orientação, a forma atraente como está escrita e o bom gosto do conjunto.

São páginas cheias de interesse para mim, porque o meu coração sempre dedicado ao «S. Coração de Maria», não mudou — ou, se acaso mudou, foi... porque um reconhecimento sempre crescente o dilatou ainda mais.

Não posso ler os Anais sem mergulhar o olhar no Coração de Maria e sem me deter nestas palavras do Seu cântico de acção de graças:

O Todo-Poderoso operou em mim grandes coisas.

O desenvolvimento do Instituto em Portugal é verdadeiramente notavel, neste último quarto de seculo, o perfume de virtude que exala prova-nos a abundância das bênçãos derramadas por Maria sobre as «Filhas do Seu Coração».

25 de Março de 1951.

J. M. M. de D. (D. de S. M. A.)

PERSPECTIVAS DE FRANÇA

(Continuação da página 32)

Durante vinte e quatro horas vemos desfilar as intermináveis planícies de Castela, áridas e desertas. Depois das casas escuras de além Pireneus, surgem agora as de Espanha, da côr da terra tostada pelo sol. E o pensamento foge-nos, como já muitas vezes sucedera, para umas casinhas muito brancas, a roçarem um céu azul. Mas ei-las diante de nós, num cenário que súbitamente se modifica: Vilar Formoso.

Na carruagem, uma voz canta, seguida por muitas outras vibrantes de emoção:

*Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal!*

M. C. de J. (R. S. C. M.).

Regressos



Quando me foges ou de Ti me afasto,
Fico inerte, sem mim, feita em pedaços...
Já não sou « Eu » que vivo :
É o mesquinho « outro »
Quem age, quem é forte,
Quem me toma em seus braços,
Deixando meu ser escuro
E triste como a morte.
E num anseio aflito
Quero libertar-me,
Ir de novo para Ti,
Dar-Te... (perdoa este pobre dom!)
Dar-Te, ansiosa, meu coração contrito
E dizêr-Te, Senhor :
— O que Te peço
É que, sempre
Que de Ti me ausente,
Cada partida tenha
O seu Regresso ...

MARIA DA GRAÇA

(« Antiga » de Lisboa)

O grande acontecimento do ano para esta casa, foi, certamente, a visita da Marquesa Elisabetta Pacelli Rosignani, de sua filha e sobrinha, e das Religiosas estrangeiras que as acompanharam na viagem.

Trouxe desusado movimento de visitas ao Colégio a sua permanência, entre nós, de 4 a 8 de Outubro.

Logo na manhã seguinte à chegada, Mgr. Nozzoni veio celebrar, em representação do Senhor Nuncio. A capela, lindamente ornamentada com avenas e flores brancas, oferecia o aspecto das grandes solenidades.

Pelas 10 horas, as nossas Hóspedes saíram, a visitar a cidade, passeio que as deixou encantadas.

Inúmeras foram as pessoas que vieram deixar os seus cartões de cumprimentos e trazer formosos ramos de flores.

No dia 6, veio celebrar S. Ex.^a o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, que se demorou a conversar amigavelmente com a Família Pacelli. À tarde, tinham a visita de S. Em.^a o Senhor Cardeal de Lourenço Marques.

Durante a estadia da Marquesa em Lisboa — e quanto isso a comoveu! — deram-se factos bem reveladores do entranhado affecto que os portugueses têm ao Santo Padre. No fim do Pontifical, quando descia a coxia da Sé, ouvia-se dizer, em voz sumida :

— *É a Irmã do Papa!* — E todos os olhares se poisavam nela, a envolvê-la de carinho e simpatia . . .

Lá fora, nas escadarias, aclamaram-na entusiasticamente, com palmas e vivas a Pio XII. À noite, à saída do «S. Jorge».



A Família do Papa, à saída para o Pontifical da Sé e na partida para Fátima.



BOA

lustres

onde fora assistir à estreia do filme «Senhora de Fátima» — o mesmo entusiasmo, os mesmos vivas e palmas. Uma verdadeira apoteose à Igreja e ao seu Chefe supremo! E, contudo, talvez nenhuma cena enternecesse a Marquesa como a que se deu, ao outro dia, no Colégio:

Pela tarde, vem à portaria, uma Irmã da Caridade, a pedir, com humilde instância, que lhe deixem ver a Irmã do Santo Padre. Responderam-lhe, com pesar, que é impossível: a Marquesa, muito fatigada, já tinha recolhido aos seus aposentos. Mas ela insiste, com as lágrimas nos olhos:

— É que eu nunca terei ocasião de ir a Roma e já ficava contente se visse, ao menos, a Irmã do Papa! Vão avisar a Marquesa, que a manda entrar para o seu quarto. E dá-se, então, esta cena linda: fora de si de alegria e cheia de fé como se estivesse aos pés do Sumo Pontífice, a boa da Irmãzinha, lança-se de joelhos a beijar as mãos e a pedir a bênção à Irmã de Pio XII...

Ninguém ficou de olhos enxutos, ao presenciar aquele quadro, e é de presumir que a história já chegasse ao conhecimento do Santo Padre e que, de lá viesse a bênção que a Marquesa prometera obter-lhe, quando chegasse a Roma!

A 8 de Outubro, foi a partida para Fátima das nossas queridas Hóspedes. Sorrindo a todas, a Marquesa foi passando por entre as extensas filas de alunas, que se despediam saudando-a com palmas vibrantes, até o automóvel desaparecer na curva da avenida.

(Ver continuação no Noticiário).



Nas Tardes de Caridade, a peça de sucesso transportou os espectadores à Madeira



O 1.º Degrau na ascensão até à fita azul...





Carlos Augusto M. Osório
† 17 de Agosto de 1951

Católico fervoroso e Chefe de família exemplaríssimo, era duma bondade e duma caridade invulgares. Ao Instituto do S. Coração de Maria confiou — logo que se fundou o Colégio de Espinho — a educação da sobrinha, que adoptara e estimava como filha, a saudosa Maria da Conceição, a quem sobreviveu apenas dois anos.

As atenções penhorantes e os valiosos serviços que o Colégio de Nossa Senhora do Rosário lhe deve, merecem-lhe lugar de destaque entre os seus maiores benfeitores.

Nesta «Página da Saudade», que a gratidão das Religiosas do S. C. de M.^a impunha que se criasse, em CORMARAIE fica bem o nome deste grande amigo do Instituto.

Apareceu a benignidade e a bondade...
(A Tito, III, 4)

A quem não conheceu a saudosa Madre Maria de Assis, haverá palavra que a revele melhor do que esta?

O jeito carinhoso e simples de atender as almas, foi a sua arma mais eficaz para as conquistar para Deus. Grandes ou pequenos, crentes ou descrentes, a todos se estendia o seu poder de espiritual sedução. — «E a estátua da bondade», dizia dela um distinto médico de Braga. E, um amigo da casa, exclamou no dia do enterro da veneranda Madre, em Guimarães: — «Lá se nos foi uma grande santa!» No viver humilde e austero, no fervor e na benignidade do trato, a sua alma aparentava-se com a do seu padroeiro, S. Francisco de Assis. O alimento para a oração — que era íntima e contínua — colhia-o na Sagrada Escritura — livros que preferia a todos, e que leu vezes sem conto.

Enquanto pôde andar, passava horas e horas na capela, no seu cantinho ao pé da porta. Nem dava por quem entrava ou saía, a resar ou a meditar, com o livro ou terço descaído no colo... E, quando entrevou, nenhum sacrifício lhe custou como a privação da santa Missa e das longas visitas ao Santíssimo.

— Vais para o Jesus? — perguntava às irmãs que a iam ver. — Dá-lhe muitas, muitas saudades! — E seguia-as, com os olhos rasos de lágrimas, a invejar-lhe a sorte... — Está a descansar? — diziam-lhe, às vezes, baixinho, julgando-a a dormir. Mas ela abanava a cabeça, a sorrir, e respondia: — Não, estou a conversar com Ele...

Já muito idosa e cheia de achaques, não se lhe via um desfalecimento no espirito de mortificação. Para ela tudo estava bem e, se lhe levavam algum mimo ou lhe proporcionavam algum pequeno alívio, vinha logo com frases como esta: — Isto é mal empregado para mim! A *velhinha* não precisa disto, não faz nada...

A partir do mês de Abril, a vida parecia fugir-lhe, aos poucos e, no dia 25 de Julho, finava-se suavemente e lá se ia até ao Céu, a matar as saudades do seu Jesus...



Madre Maria de Assis
† 25 de Julho de 1951

Sacerdote que soube pôr a render para Deus e para a Igreja «os talentos» com que fora pródigoamente dotado, que ventura não terá experimentado ao ouvir dos lábios do seu divino Amo: — Está bem, bom e fiel servo, entra no gozo do teu Senhor!

Desde os primeiros estudos no Seminário, até ao doutoramento em Direito Canónico, na Universidade Pontifícia de Roma, tirou sempre as mais altas classificações.

Escritor distinto, poeta mimoso, esclarecido director de almas, e prêgador de nomeada — não desses que dizem frases de vã eloquência, mas verdades que rememoram as consciências e



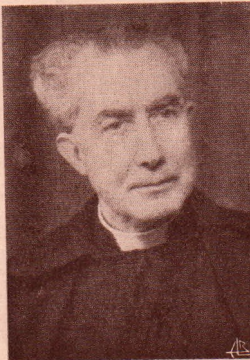
Rev. Carlos Augusto M. Osório
† 17 de Agosto de 1951

elevam as almas a sua acção apostólica exerceu-se muito para além dos limites da Diocese da Guarda.

Pouco depois de chegarem àquela cidade as Religiosas do S. Coração de Maria, era nomeado seu Capelão, cargo que exerceu com edificante fervor e zelo, até que a grave e cruciante doença que lhe havia de acrisolar a virtude, e levar à posse de Deus, privou o Colégio dos seus tão apreciados serviços.

Que Nossa Senhora, por quem tinha tão enternecedora devoção e a quem, num famoso soneto, invocou, um dia, como *expoente altíssimo de graças e luz*, o tenha acolhido, por toda a Eternidade, em Seu Maternal Coração!

PÁGINA DA SAUDADE



Rev. Dr. Luis Lopes de Melo
† 24 de Outubro de 1951

constelado das mais altas condecorações. E, nessa altura, teve tudo na sua mão: prestígio político, triunfo da eloquência, auréola do heroísmo.

Um dia, o «Padre Melo», num gesto mais heróico do que os seus feitos de guerra; mais sublime do que os seus rasgos de eloquência; mais conquistador do que a sua diplomacia política, enterrou tudo o que podia exaltá-lo, sob as lages frias da sua Sé Velha...

Desde então, viveu só para Deus e para as almas. Passava horas e horas no obscuro e fecundo ministério do confessor; no serviço dos pobres — para quem fundou as suas «Criaditas» —; a dar aulas no Liceu e no Seminário, a ensinar a doutrina; a fazer reuniões de Noelistas ou de Acção Católica.

Por fim, quatro meses de inacção e de sofrimento, levados com inalterável paciência e alegre abandono à divina vontade, vieram completar os seus méritos e revelar toda a riqueza da sua virtude.

A agonia foi suave. E quando a morte chegou, ao cair duma tarde de Outono, o «Padre Melo» despediu-se da Vida, com a fisionomia iluminada pela inefável ventura de ir enfim lançar-se nos braços do «Pai»!

O Instituto do S. Coração de Maria e, dum modo especial o «Lar» de Coimbra, ficam devendo grandes finezas à dedicação do Rev. Dr. Luis Lopes de Melo. Paz à sua alma!

Cristão convicto e de ânimo apostólico, amou e serviu ao Senhor e à Sua Igreja, com a mais abnegada dedicação, nas múltiplas obras de misericórdia e de zelo a que se dedicou.

Deu ao «Sagrado Coração de Maria» o que tinha de melhor: uma filha única, estremecida. E sempre tomou a peito, como se foram seus, os interesses do Instituto, mórmente os do Colégio de Nossa Senhora do Rosário, do Porto, que lhe mereceu carinho e benemerências inesquecíveis.

Amigo do Instituto desde a primeira hora em que as Religiosas do S. C. de Maria foram para a Guarda, manda a gratidão que figure também na «Página da Saudade».



Francisco Pereira Espiga
† 5 de Junho de 1949

O «Padre Melo» morreu. E foi a enterrar em campa rasa, num caixão de pinho com argolas de corda, como o mais pobre dos pobres seus irmãos.

Morreu? Não.

A sua memória fica impressa em páginas de glória e de sangue, na História da Igreja em Portugal, e nos milhares de almas que ele caldeou para as lutas da vida cristã, no fogo do seu Coração de Apóstolo.

Houve um tempo — ai pelos anos de 1918 a 1924 — em que todo o Portugal lhe aprendeu o nome. Voltara da Grande Guerra com o corpo marcado de cicatrizes, uma vista perdida, o peito

Bodas de Prata

1926 - 1951

A linda Senhora do Rosário — que encima esta página — era venerada no Colégio Inglês e, depois da Revolução de 1910, esteve refugiada, com as Religiosas, na Rua dos Braços, até vir para a Avenida da Boavista.



A PADROEIRA E FUNDADORA

«Foi ELA que acompanhou as Religiosas, quando as expulsaram do seu convento; foi ELA que as amparou, nas angustiosas vicissitudes dos anos de peregrinação; foi ELA que as guiou para a Casa Nova, quando souu a hora providencial da fundação; e é ELA ainda, que de braço estendido, lábios entreabertos por doce sorriso, está ali a oferecer o Seu Menino a quantos entram neste Colégio, confiado ao Seu maternal patrocínio...

(Discurso pronunciado pela aluna
Marília Farina de Almeida).

Vinte e cinco anos
que é, na vida humana?
sol a pino,
dia primavera,
água a cantar,
árvore em flor!

Vinte e cinco anos
na vida dum colégio:
trigo doirado,
messe farta de pão
do Céu e da terra,
por Deus abençoada!

(Do CANTATA com música do P. A. Ferreira Alves, executada nas comemorações jubilares, a 17-10-1951)

Ai pelas alturas de 1875, o velho e acreditado Colégio de Miss Hennessy — «berço» do Instituto do S. C. de Maria, em Portugal — emigrava, da Rua da Picaria, para a Praça Coronel Pacheco. Ali se manteve, até 1910. Fôra, a principio, candeia bruxoleante, mas, agora

a sua luz irradiava tão viva chama
que a Revolução não pôde extingui-la!

Dez longos anos passaram as Religiosas no exílio, ansiosas pela hora de retomar, na Pátria, os seus trabalhos apostólicos... Finalmente, em 1920, abria o Colégio de Espinho; no ano seguinte, o de Braga; e, em 1926, o do Porto...

Frizo de baixo: Em Fátima, sob o olhar da Virgem...



Colégio de N. S.^A do Rosário

PORTO



CORMARIAE da, este ano, mais larga representação ao Colégio do Porto em comemoração das suas Bodas de Prata.

As antigas Pioneiras da S. E. C. F. e O maior amor, recordam entusiasmos apostólicos dos anos de 1954 a 1958, com fotos desse tempo.

Carta a uma noiva, ilustrada com aspectos do casamento de M. Teresa de Lencastre é magnífica lição de Matrimónio espiritualizado pela graça do Sacramento e é também documentário duma nobre família integralmente cristã, onde é já antiga tradição educarem as filhas no «S. C. de Maria».

Um instantâneo feliz mostra-nos D. José de Lencastre abraçando sua filha, no fim da cerimónia, e, na gravura anterior, vê-se a Tia e Madrinha da Noiva, Dona Sílvia Cardoso, de santa e saudosa memória.



... candeio oculta
sob o alqueire,
em casa humilde,
à sombra da antiga,
trouxe-a consigo

a Virgem do Rosário
e a pôs ao alto,
a alumiar as almas,
no «candelabro»
dum grande Colégio...

Foi há vinte e cinco anos... Mas, na festa de Acção de Graças, nenhuma das Fundadoras ficou esquecida. Aos pés da nossa doce Padroeira, entreçamos, num «rosário» de gratidão, os seus nomes e os de tantos Benfeitores que Ela conhece, e se dignará cobrir com as Suas bênçãos.

(Ver continuação no *Noticiário*).

Em cima: Aspectos da Festa da Comunhão Solene





Gilberta Martins Peres Sottomayor
(«Antiga» de Porto)

João Emílio Rego Sottomayor

5 filhos

M.^ª Rosária Tavares de Sousa
(« Antiga » de Aveira e Porto)

Tomás Tavares de Sousa



GUARDA

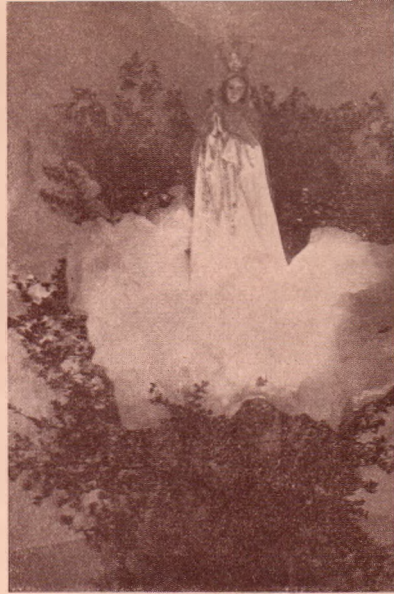
Fundação de CORMARIAE

No dia, 23 de Abril — na mesma data em que, Serra de Aire, Nossa Senhora via levantar-se a seus pés, mais um altar, e inaugurar-se mais uma casa dedicada ao Seu Sagrado Coração, reunia-se também um grupo de Antigas Alunas, na Serra da Estrela, para, sob seus pés, inaugurarem a Associação CORMARIAE.

Sob a presidência de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Domingos Gonçalves, que se dignou explicar-lhes, primeiro, os Estatutos, ficou assim constituída a Direcção :

Presidente — D. Maria Julieta Pissarra de Paiva ; 1.^a Secretária — D. Guilhermina Videira Amaral ;
2.^a Secretária — D. Julieta Pereira ; Tesoureira — D. Maria de Lourdes Cunha Gomes.

Ficou determinado que a Reunião Anual seria no último Domingo de Maio. A distância a que algumas residem e os rigores do clima da Guarda, não permitem que essa reunião se realize — como nos demais Colégios — na festa da Imaculada Conceição.



COISAS DOS NOSSOS MIUDINHOS

O Álvaro Manuel é um pequenito meigo e obediente, a quem poucas vezes é preciso ralhar, mas, se isso acontece, põe-se a atirar beijinhos à Mãe e a perguntar !

— Tã tiste, Mãezinha? Não tonoo, não tonoo!

Já sabe a Ave-Maria, mas este versinho popular que ele diz com muita graça, na sua linguagem pitoresca, é a oração que mais gosta de resar :

*Menino Juge qui chou pequeninho,
Pigai-me na mão, E calo ó chão !*

Como é que o Menino Jesus não há-de fazer todas as vontades ao Álvaro Manuel?...

— A menina é nossa ! — gritavam os miudinhos, quando alguém queria pegar na alcofa...

Depois da reunião, as « Antigas » percorreram em alegre convívio, o novo Colégio.



A Capela Nova

Em 1948, numa 1.^a quarta-feira, a 1.^a pedra (oferecida por alguém que se esconde sob o manto de S. José), era ben-zida e lançada à terra. Parecia, porém, destinada a ficar sòzinha: as obras não começavam... Mas eis que, no dia 7 de Dezembro de 1949 — mais de um ano volvido após aquela simbólica cerimónia — Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Domingos Gonçalves, vem benzer os alicerces e despe-tar boas vontades, com a sua palavra ardente e convicta.

E as paredes vão-se erguendo, pouco a pouco.

Finalmente, no dia de Todos os Santos deste ano de 1951, realizava-se a solene inauguração da Capela. Oficiou Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo auxiliar que, no carinho por esta Casa, imita o venerando Prelado da Guarda (ausente, a

seu pesar). Em volta do altar, viam-se muitos dos sacerdotes que, desde os começos do Colégio, em 1927, lhe têm prestado os seus serviços com incomparável zelo e desinteresse. Estavam também presentes, a Rev. Madre Provincial, Superiores da « Província » e mais Religiosas convidadas; o Ex.^{mo} Presidente da Câmara, muitas senhoras e individualidades de relevo, na cidade.

Ao Evangelho, Sua Ex.^a Rev.^{ma} explicou, com a habitual eloquência e unção, o sentido das belas cerimónias litúrgicas que acabavam de desenrolar-se. O canto, que foi primoroso, esteve a cargo dum grupo de Religiosas e alunas dos Colégios do Porto e Guarda, sob a regência da distinta Professora do Colégio de N. S.^a do Rosário, D. Joaquina Pinto Rodrigues.

E, agora, essa *Capela-Mi-lagre* (como houve já quem lhe chamasse, com tanta proprieda-de) lá está erguida a atestar a valiosa intercessão de S. José, o admirável poder da oração con-fiante e imolada, e a dedicada e generosa colaboração de muitos amigos, em especial, do Rev. P. José Maria Cabral, que, entre todos, se salientou no auxílio prestado a esta obra, e à do Novo Colégio.

(Ver continuação no *Noticidário*)





O ano de 1950-51 ficou marcado por muitas graças, entre as quais comovidamente lembramos a Visita da Virgem Peregrina a Aveiro. À sua passagem, o Colégio saudou-A com amor e entusiasmo, estando a fachada e o portão artisticamente engalanados.

A custo se apartaram do seu colégio, no dia 8 de Dezembro, as Antigas Alunas que vieram à tradicional reunião, Academia, e Recepção das Filhas de Maria, tão bem se sentiram no ambiente de família que lhes foi proporcionado.

Deu entrada no Noviciado de Braga, onde seus Pais a foram generosamente entregar ao S. Coração de Maria, uma aluna deste Colégio, que pertence a uma família abençoada pelo Senhor com 20 filhos, dos quais 12 já foram cantar os louvores divinos no Céu.

Coisas dos nossos miudinhos

Não sei se conhecem o Carlinhos? — É aquele miudito loiro e irrequieto, filho duma « Antiga » de Aveiro. Só tem seis anos, mas sabe resar muito bem. Todas as noites, se vai ajoelhar diante duma imagem de Menino Jesus — a mesma que já foi confidente da Avó, em pequenina — e põe-se a fazer, em voz alta, o exame das tolices do dia.

Aqui há tempos, fez uma *perrice* grande no Colégio.

— Carlinhos, olha que estás a fazer pena ao Jesus! — lembrou a religiosa que presenciava a cena.

— Ai, que vergonha! — exclamou ele, muito consumido. — Logo à noite, é que vai ser!...

(Ver continuação no Noticiário)





PASSEIO A AVEIRO

Eis-nos, sorridentes e alegres, fitando a imensidade azul, onde o sol se espelha formando reflexos prateados.

Depois de visitar a cidade, um passeio na ria vai continuar a história dum acontecimento inesquecível: o passeio anual à linda cidade de Aveiro.

Cantámos, rimos, sedentas de prazer, e a lancha desliza, embalada na corrente espelhada. Nem sentimos o tempo passar...

É tão bom ver a ria, os barquinhos flutuantes, os reflexos do sol, que vem refrescar-se nas águas tranquilas... O tempo corre veloz demais para quem, como nós, gosta de sentir-se assim entre duas toalhas azuis — o Céu límpido e a água cheia de beleza.

Mas... Temos de deixar de ser embaladas pelo doce marulhar das águas... Surge terra arge descer. Estamos em S. Jacinto.

Espraíamos o nosso olhar, que se pouca em asas brancas, ora paradas ora esvoaçando, quais pombinhas brancas agitadas pelo vento... Os aviões espreitam-nos, a convidar para altos voos! Mais uma beleza que se nos apresenta... — M.^a HELENA — (aluna do 3.^o ano).

Escolheu-A para sua Mãe

Na véspera da Imaculada Conceição, a Arlinda entrou para o Colégio. Tinha 17 anos e era natural de Cabo-Verde. Tão impressionada ficou ao ouvir falar pela primeira vez da «Mãe do Céu» que ela — orfã de carinhos maternos — logo A escolheu para sua Mãe!

Tinha frequentado uma escola protestante — um «Seminário», como ela dizia — e gostava muito de «converter», segundo contava com grande simplicidade.

Algumas semanas depois, a 21 de Janeiro, tinha a felicidade de receber o Baptismo.



B R A G A

O NOSSO COLÉGIO

marães — deixaram, este ano, alegres recordações...

Mas a Quinta, com as suas compridas e vastos campos de jojo, com os seus férteis terrenos de cultivo, ladeados de árvores de fruto, e o curral das vaquínhas, oferecem, a toda a hora, agradável diversão. E as vistas! Quem, de uma janela onde se não disfrute o Bom Jesus e o Sameiro, com as suas belas imagens do Coração de Maria e de Nossa Senhora a debruçarem-se, num gesto de carinhosa bênção, para o Colégio branco e baixo, em S. Vitor, mesmo no sopé do monte...

Será por isso — quem sabe? — que lá se sentam as tradições dos primitivos tempos, e que as «Antigas» tão atraídas se sentem para o Colégio Maria!

As reuniões de CORMARIAE tiveram frequência e animação, durante o ano que findou. «Não calcula» — escreve uma aluna — «como sinto felicidade por estar alistada nesta santa cruzada do Coração de Maria. Somos também, por privilégio especial, para propagarmos o Coração de Maria, pela nossa acção exemplar. Que honra para nós!».

São 120 as associadas de CORMARIAE, com as principais cargos assim distribuídos: Presidente: D. Ricardina Brandão Nunes; Secretária: D. Cândida de Carvalho Assis; Tesoureira: M. Adelaide Coimbra.

natureza e mais perto do Céu, pensei: — Após a subida, o descanso; após a luta o triunfo. Não terei eu de subir uma barreira parecida para conseguir um Ideal, que vejo, lá muito em cima?... O cajado, de que, agora, me servi, será substituído pela confiança inabalável no Sagrado Coração de Maria.

Assim bem apoiada, seguirei a estrada da Vida, que me há-de conduzir à Felicidade Eterna. Então, descansada e confiante em Deus, olharei um Horizonte incomparavelmente mais límpido que o de hoje. — M.^a HELENA — (aluna do 3.^o ano).



LÍMPIDO HORIZONTE

Subir à Falperra? Subir... Subir... O monte é íngreme, mas, no alto, pode-se descansar.

Mais uma rocha a escalar, mais uma volta na estrada, mais um pedacinho que custa e eis-nos chegadas.

A vista estende-se, deleitada, na toalha verdejante, estendida a nossos pés.

Uma casinha que alveja, uma árvore florida dão vida e graça à paisagem.

Sentadas, no alto, descansámos o olhar na campina, e, assim, em contacto com a natureza e mais perto do Céu, pensei: — Após a subida, o descanso; após a luta o triunfo.

Anedotas Colegiais

Num exercício de português, aparecia a seguinte oração, num período:

Tendo adormecido no deserto, o rosto do homem estava coberto de areia...

P. — Que faz o sujeito na oração acima transcrita?

R. — Não faz nada, porque estava coberto de areia!...

Num ponto de catecismo: «O fariseu e o publicano entraram na igreja, e... adoraram o SS. Sacramento!...».

(Ver continuação no Noticiário)

Guimarães

CORMARIAE vai fazendo progressos, neste Colégio. Na reunião de 8 de Dezembro de 1950, tiveram Missa, admissão de Filhas de Maria e almoço de confraternização, passando

a tarde a conversar animadamente e a recordar os tempos colegiais.

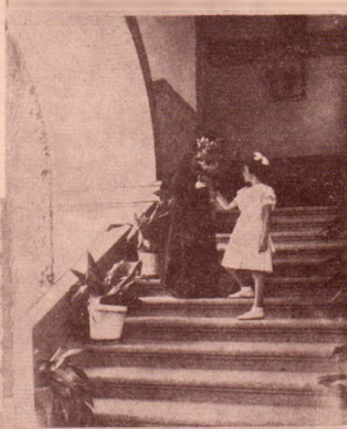
Tomaram a resolução de se reuni-

rem todos os meses, para trabalharem para as Igrejas pobres.

Um ramo para a capela!

Uns momentos de paragem em Espinho

Nas escadas da velha Universidade



Dos jardins, gozam-se lindas vistas: dum lado, a Penha, do outro, o Castelo

Linda manhã... 20 de Maio. Desde as 5 horas que, no antigo solar dos Condes de Vila Pouca, vai grande azáfama. Fazem-se os últimos preparativos para a abalada, que deve ser pelas sete horas e meia. Não há grandes demoras, porque todas têm pressa de partir e correm para a «camionete». Sobem-se malas, cestas, fazem-se as despedidas, recebem-se recadinhos. etc. e... lá parte a caravana.

A 13 de Maio na Cova da Iria...

Entoando cânticos, atravessamos a cidade de Guimarães, ainda pouco movimentada.

A Caminho de Fátima

Brito... Ronfe... que as alunas vão saudando, porque muitas são destes sítios.

As primeiras paragens fazem-se no Porto e em Espinho. Aqui, uns momentos apenas para respirar o iodo tonificante e recordar o antigo colégio, que muitas mestras lembram com saudade.

Segue a viagem pela estrada marginal. Esmoriz... Ovar... Estarreja. Procura-se um lugar pitoresco para o almoço. Mais um pouco e eis que aparece um pequeno bosque com uma fontinha de água cristalina. Já mais refeitas, avançamos até Aveiro, onde fomos recebidas afectuosamente.

O tempo foge, é necessário partir.

Na Figueira, a paragem foi pequena também. Mesmo junto à Foz do Mondego, espraíamos a vista pelo mar sem fim.

Avé! Avé! Avé Maria!

São nove horas quando lemos na fronteira dum lindo prédio :

Instituto do Sagrado Coração de Maria

Lá vêm descendo a rampa a nossa Rev.^{da} e querida Madre Provincial e mais religiosas, que nos recebem de braços abertos.

Depois, subimos ao refeitório para tomar uma refeição preparada com muito carinho.

Vamos à Cova da Iria. Chove, mas que importa? A chuva de Fátima não molha... Fomos apresentar as nossas saudações à Virgem e regressámos a casa para repousar.

Num sono só, passou a noite. Manhã cedo, Missa, Sagrada Comunhão, acção de graças, cafézinho... e lá estávamos na portaria, para partir. Chovia torrencialmente.

Da Capelinha das aparições, para a casa das estampas, daí para a Basilica, junto do túmulo da Jacinta... Há tanto que rezar! Tanto que pedir! E, nisto, passa-se a manhã.

A tarde estava carrancuda. Mas esses lugares tocados pelos Virginais Pés de Maria? Era preciso a todo o custo visitá-los. A terra barrenta pegava-se aos sapatos e tornava o andar pesado. Paciência! Nossa Senhora também por aqui passou.



Junto dos pais dos pequeninos videntes vêm-nos desejos de beijar essas mãos descarnadas e trémulas, que tantas vezes abençoaram o Francisco e a Jacinta.

Casa da Lúcia, Poço, Valinhos, Loca do Anjo, tudo foi visitado com religioso respeito. Que silêncio sagrado! Não faltou um rebanho de ovelhinhas na Loca do Anjo, tal como seria no tempo das Aparições.

Reza-se, pede-se e canta-se.

Voltamos em direcção à casa dos pais de Jacinta. Os velhinhos lá estavam na sua humilde casita.

— Dá licença sr. Marto?

-- Conforme... — responde, ele de dentro, não muito bem disposto (tinha chegado tarde para jantar e a mulher ralhara-lhe).

Por fim, apareceu com o prato na mão, e logo a sr.^a Olimpia, atrás dele. Falaram muito da Jacinta e do Francisco. Sentiam muita pena de os terem mudado para a Basilica, porque, assim, era-lhes mais difícil visitá-los. E a mãe chorava...

Prepararam-se as máquinhas. Agora os dois, já amigos, deram o braço.

Anda, minha noiva! — disse o sr. Marto, prazenteiro. E deixaram-se fotografar.

A muito custo nos arrancámos dali. Mais uma noite, naquela terra abençoada, e partiamos.

*Ó Fátima, adeus!
Virgem Mãe, adeus!*

Uma paragem em Coimbra, para visitar Santa Clara e a Universidade, admirar as lindas paisagens, e um almoço reconfortante no nosso «Lar». Outra paragem no Buçaco para tirar lindas fotografias.

E lá acabou o nosso passeio.

RETIRO A OPERÁRIAS DAS FÁBRICAS

Levou-o a efeito o zelo e perseverança da Tesoureira de CORMARIAE, que andou de porta em porta a convidar raparigas, sofrendo dissabores e recusas ora dos pais, ora das filhas, a oferecendo até vantagens financeiras, à custa da própria bolsa, para conseguir arrebanhar alguma ovelhinha mais renitente.

— Olhe, Menina, — dizia uma mãe, — só se o Espírito Santo me inspirar!

Mas a *inspiração* tardou e o caso ia ficando mal parado... Por fim, deu-lhe a licença e até lhe deu o dinheiro para as despesas do retiro e, quando, passado tempo, foi ao Colégio com a filha, para esta lhe mostrar as «Freirinhas» e o lugar onde tinha dormido, tudo era desfazer-se em desculpas e agradecimentos!

(Ver continuação no Noticiário)



CORMARIAE desejaria ser o traço de união e o noticiário das «Antigas» do S. C. de Maria, relatando em cada número os acontecimentos que, durante o ano, marcaram uma bênção especial de Deus sobre a sua família, tais como: casamento, nascimento de seus filhos, entrada destes para o Seminário ou para a vida Religiosa.

Uma obra deste género só com a colaboração de todas as Casas da Província, e das nossas «Antigas», se poderá levar a efeito. A todas se roga, pois, que enviem as fotografias e os dados necessários até 30 de Setembro de cada ano, para a Rev. Madre Provincial (Colégio do S. C. de Maria, Av. Manuel da Maia, 2, Lisboa), ou que façam deles entrega em qualquer dos nossos Colégios ou Lares. Por falta destes dados, ou por chegarem fora de tempo, não vai esta secção completa.

Dispondo, apenas, dum limitado número de páginas, e tratando-se dum trabalho que tem que obedecer a um plano determinado

FAMÍLIA DE

M.^a José Borges Pereira de Figueiredo e Silva

M. Gracinda (falecida)	Alberto, 14 anos
Antônio, 21 anos	João, 13 anos
M. Gracinda, 20 anos	Fernando, 11 anos
Francisco, 19 anos	Jorge, 9 anos
José, 17 anos	M. José, 8 anos
Manuel, 16 anos	Miguel, 6 anos

Luís, 3 anos

FAMÍLIA DE

M.^a de Lourdes de Araújo Seara Sequeira

M. Orminda } gémeas, 14 anos	Fern. Manuel (falecido)
M. Mercília } gémeas, 14 anos	M. Carmen, 7 anos
José Júlio, 13 anos	Antônio José, 5 anos
Gastão, 12 anos	Jorge Manuel, 4 anos
Luís Filipe (falecido)	M. de Lourdes, 2 anos

FAMÍLIA DE

M.^a Felicidade Correia Alves de Sousa Moreira

Lúcia Maria, 14 anos	Antônio Nuno, 11 anos
Carlos Júlio, 13 anos	Júlio César, 9 anos
Ana Maria, 12 anos	Gaspar, 8 anos
María da Graca, 5 anos	

FAMÍLIA DE

M.^a Helena Ventura Outeiro de Oliveira Braga

Elisa Maria, 8 anos	M. Isabel, 3 anos
Antônio Carlos, 6 anos	Rui Pedro, 2 anos
M. Helena, 5 anos	M. Teresa, 8 meses

FAMÍLIA DE

M.^a Henriqueta Godinho de Abreu Novais

M. Teresa, 11 anos	Francisco Xavier, 6 anos
João José, 10 anos	M. da Conceição, 4 anos
Manuel Inácio, 8 anos	Luís de Gonzaga, 2 anos
José Antônio, 6 meses	

FAMILIAS

[Incluimos nesta categoria as que não têm menos de

FAMÍLIA DE

M.^a da Glória de Sande Pacheco de S. Botte Ferreira Cabral

Alexandre, 32 anos	M. Cândida, 26 anos
Diogo, 31 anos	M. da Glória, 25 anos
João, 30 anos	M. Luiza Adelaide, 24 anos
M. Virgínia, 28 anos	Joaquim, 22 anos
Antônio, 27 anos	Jorge, 17 anos
Francisco Manuel, 11 anos	

FAMÍLIA DE

M.^a Luiza Martins de Menezes Velloso

M. Constança, 25 anos	M. da Conceição, 15 anos
Teresa Maria, 24 anos	Luiz } gémeos, 12 anos
Augusto João, 19 anos	Damião }

FAMÍLIA DE

Berta Alda Moreira Leão

José Manuel, 10 anos	Margarida Maria, 7 anos
Aloísio António, 9 anos	Isabel Maria, 5 anos
Berta Maria, 8 anos	Alda Maria, 3 anos

FAMÍLIA DE

M.^a Arminda Cardoso de Araújo Jorge

Fernando, 41 anos	Henrique, 31 anos
M. Fernanda,	Carlos, 29 anos
Antônio, 27 anos	

FAMÍLIA DE

Helena de Araújo Rosas da Silva

M. Manuela, 23 anos	M. Teresa, 17 anos
M. Helena, 21 anos	M. Margarida, 15 anos
M. Lucinda, 19 anos	M. José, 13 anos
Manuel, 18 anos	Rui, 10 anos
Maria do Céu, 9 anos	

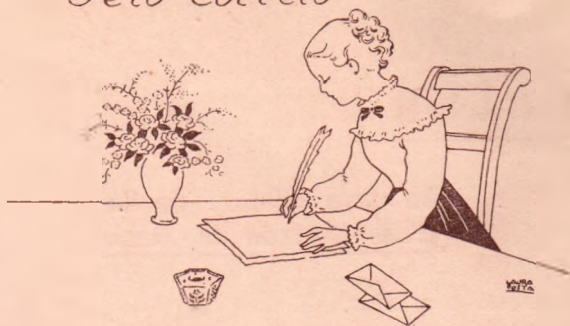
de interesse geral, e até a razões de estética, nem sempre será possível publicar tudo o que nos for enviado.

Sabemos, porém, que todas nos perdoarão alguma involuntária omissão, se atenderem aos motivos expostos.

Para facilitar a colaboração para o número de **1952**, comunicamos que o assunto que tencionamos tratar mais desenvolvidamente será:

A vida de família e a vida profissional das nossas antigas alunas.

Portanto, os elementos que mais interessam para o próximo número são os que se



relacionam com este assunto. Muito agradecemos fotografias com aspectos da vida familiar e profissional, sobretudo de interiores de casa (quarto dos filhos, sala de estudo ou de jantar, etc.; emprego, repartição, escola, liceu, universidade, obras sociais, etc.), de preferência, instantâneos da vida real e diária.

NUMEROSAS

5 filhos. Ver as fotografias nas respectivas páginas.

FAMÍLIA DE

M.^a da Conceição Ramos de Araújo Jorge

M. Luiza, 15 anos	Paulo, 8 anos
M. Isabel, 14 anos	Manuel, 5 anos
M. Fernando, 12 anos	Pedro, 4 anos
M. Helena, 10 anos	Fernando, 1 ano

FAMÍLIA DE

Elvira Melo Nogueira Sousa Lopes

Maria Adelina, 19 anos	Maria Antónia, 13 anos
Maria Manuela, 17 anos	Maria Elvira, 12 anos
Manuel António (falecido)	Manuel Artur, 10 anos
Manuel Francisco, 14 anos	Manuel José, 8 anos
M. José, 5 anos	

FAMÍLIA DE

M.^a Carolina de Jesus Cayres de Azevedo Araújo Gomes Ferraz

M. do Carmo, 15 anos	Gaspar, 9 anos
M. Teresa, 13 anos	Amaro, 6 anos
M. de Jesus, 12 anos	M. da Conceição, 4 anos
Antónia Alberto, 10 anos	M. das Dores, 1 ano

FAMÍLIA DE

M. Rosa Moreira Pereira

M. do Carmo, Lic. em Clássicas	M. Zulmira, Lic. em Farmácia
M. Helena, empr. num Costúrio	M. Teresa, ajudante numa Conservatória
Margarida Maria, quantista de Letras	

FAMÍLIA DE

M. Josefina de Oliveira Correia Rebelo

José, 24 anos	Luís, 21 anos
João, 23 anos	Domingos, 19 anos
Francisco, 14 anos	

FAMÍLIA DE

Gilberta Martins Peires Sottomayor

João Manuel, 8 anos	Rui Damião, 5 anos
Gilberta Maria, 6 anos	José António, 3 anos
Pedro Manuel, 6 meses	

FAMÍLIA DE

Maria Rosária Tavares de Sousa

M. José, 10 anos	M. Inês, 5 anos
M. Clementina, 7 anos	José Maria, 5 anos
Manuel Maria, 4 anos	

FAMÍLIA DE

Inês Chambers Tasso de Sousa da Rocha Leite

José Miguel, 24 anos	Jorge, 19 anos
António Manuel (falecido)	M. António, 18 anos
Rui, 23 anos	M. Teresa, 16 anos
M. Inês, 21 anos	M. Amélia, 14 anos

FAMÍLIA DE

Ana Melo de Noronha Galvão («antiga» de Viseu)

Raquel, 23 anos (Lic. Mat.)	Natercia, 18 anos
Dulce, 22 anos	M. Luiza, 16 anos
M. da Natividade, 20 anos	Henrique (Seminarista), 14 anos

FAMÍLIA DE

M. Regina Leite Cunha Valente da Costa Brito («antiga» do Porto)

Gabriel Maria, 15 anos	António Pedro, 11 anos
M. Regina, 14 anos	José Luís, 8 anos
Manuel Carlos, 6 anos	

FAMÍLIA DE

M. José Gonçalves Cardoso da Fonseca («antiga» do Guarda)

M. Neli	M. Luísa
Vítor Manuel	José Alberto
Margarida Maria	M. José

FAMÍLIA DE

Maria Júlia Leão de Vasconcelos Porto («antiga» do Porto)

Berta, 7 anos	Tereso, 4 anos
Margarida, 5 anos	Helena, 2 anos
Manuela, 1 ano	

Fátima

Ao novo «Solar» do Sagrado Coração de Maria

Ergueste-o a lutar,
Ergueste-o a vencer,
Ergueste-o a dizer:
A Deus mais um altar!

Ergueste-o a rezar,
Ergueste-o a sofrer,
Ergueste-o sempre a crer,
Ergueste-o sempre a amar.

Refulge, em seu brasão,
O nome de Maria,
O sol dum coração

Que, em noite tão sombria,
É nossa salvação,
É Luz dum Novo Dia.

IR. M. M. DE P.
(da *V. de St.ª M.ª*)

★

Ecos do dia 13 de Outubro

Nas páginas de Fátima, escasseou o espaço para mais completo relato dessas horas inesquecíveis vividas naquele cantinho da Serra de Aire que a Senhora reservou para o Instituto do S. C. de Maria.

Vão completá-la estas notas soltas duma testemunha (Madre M. C. de J., R. S. C. M.).

• Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria foi ao Colégio, na sua cadeirinha de rodas, apresentar os seus cumprimentos à Irmã do Santo Padre — visita que comoveu muito a Marquesa e todos os que a presen-

CORMARIAE — A associação das Antigas Alunas — já conta 750 associadas, em Lisboa, sendo a sua Presidente uma das muitas «antigas» de Viseu que vivem na capital, a Snr.^a Viscondessa de Rio Torto. Reuniram-se várias vezes, durante o ano, para confeccionarem roupas para os pobres, reuniões que dão ensejo a encontrarem-se companheiras de Colégio que, há muitos anos, não se viam. Algumas dedicam-se inteiramente ao apostolado, em diversas actividades: Acção Católica, Obra dos Ardinas, visita aos hospitais e aos pobresinhos, consagração dos lares aos SS. CC. de Jesus e de Maria.

Duma sabemos nós que, quando lhe observam que há excessos na sua dedicação e que não devia esquecer-se tanto de si, responde: — *Eu sempre tenbo quem me faça as coisas, mas os pobresinhos, se eu não lhas fizer, não têm quem lhas faça...*

Corrente de caridade...

Levadas na mesma corrente de caridade, as alunas actuais prepararam com o maior empenho o «Natal dos pobresinhos», organizando um interessante cortejo folclórico com as oferendas de cada classe. Na impossibilidade de avaliar com justiça qual o grupo que merecia o prémio prometido, pois todas primaram nos donativos, nas legendas e nos cantos cheios de ideologia cristã, e na arte das decorações, foi determinado que cada classe fosse premiada com um passeio de «camionette», que escolheria a seu gosto, e assim se cumpriu, com satisfação de todas.

Bodas de Ouro

É digna de salientar-se a forma entusiástica e espontânea como as alunas do Curso Liceal quizeram comemorar o Jubileu de Profissão religiosa da Madre Maria do Redentor, com uma festa íntima, muito afectuosa e comovente. No discurso em inglês, feito por elas, testemunhavam-lhe a sua estima e quanto deviam ao seu infatigável zelo pelo seu aproveitamento.

A querida Madre agradeceu-lhes, muito comovida, afirmando a felicidade que sempre sentira em ser Religiosa do S. C. de Maria e que, se alguns trabalhos e sacrificios encontrara na sua querida vocação, muito mais consolações e bênçãos recebera, que só Deus e a alma conhecem.

Casamento

* M. Ruth Vieira da Graça Mira Carneiro Jacinto, com Henrique Bernardo Martins Carneiro Jacinto, a 9-12-1950.

Nascimentos

* António José, 1.º filho dos mesmos.

* M. Eduarda, 1.ª filha de M. Salomé Correia Marques Rodrigues Dummond, a 13-4-1950

* Manuel, 1.º filho de Isabel Maria Correia Ramos Moura Pulido, a 22-9-1950.

Os gatos não resam...

Nas férias grandes, a M. do N. deitou-se a ensinar catecismo lá pelo Alentejo e insistia muito para que nunca se deitassem sem rezar. Tomou bem sentido na lição uma das suas alunas. À noite, as rezas prolongaram-se por tal forma que a avó teve que intervir e mandá-la para a cama.

— É que eu, Avó, não quero ser como os gatos!... — explicou a pequena, aludindo à imagem de que se servira a catequista para melhor as convencer.

Casamentos (LAR)

* Emilia Laura Viegas Cardoso, com Jaime Palhinha, em Novembro de 1950.

* Georgina das Neves Baltazar Lima, com César Augusto Simões de Carvalho, em Dezembro de 1950.

* Maria Isabel Aguiñcha Calhau, com Romano Câmara, em Maio de 1951.

* Aida Maria Veloso Faria, com José Manuel Teixeira, em Junho de 1951.

* Maria dos Prazeres Alves, com Júlio Alberto Lopes, Setembro de 1951.

* Laura do Carmo Chaves Esteves, com Paulo Ribeiro dos Santos Delgado e Silva, em Setembro de 1951.

Fátima

ciaram. A enfermidade embora ligeira — que reteve a ilustre Senhora na cama, até ao dia 13, não lhe permitiu receber as numerosas pessoas que a desejavam cumprimentar, e que deixaram os seus cartões.

* Estiveram hospedadas no Colégio, as Infantas Senhoras Dona Maria Ana, Dona Filipa e Dona Maria Adelaide. Nota graciosa: a «peregrina» mais nova que tivemos o gosto de hospedar — e que passava os dias muito sossegadinha e risonha, deitada na sua alcova — foi a encantadora Filhinha da Infanta Senhora Dona Adelaide.

Não será necessário dizer que as religiosas se *perdiam* pela ilustre Hospedazinha e a encheram de mimos...

Vieram várias vezes visitar as Senhoras Infantas, e partilharam, uma ou outra vez, das suas refeições, seu Augusto Irmão, o Senhor Dom Duarte Nuno, o Príncipe de Thurn e Taxis, Esposo da Senhora D. Maria Ana, e seus Filhos, Dona Mafalda e Dom João de Thurn e Taxis.

* Os cincoenta peregrinos belgas, que se hospedaram no Colégio e suas dependências, não podiam conter o seu entusiasmo crescente. Ao verem a multidão que ficava, de noite, na esplanada do Santuário, exclamavam:

Ah! como os portugueses amam Nossa Senhora! Amam-Na muito mais do que nós...

E, à Rev. Madre S.^{te} Claire, R. S. C. M., ouvimos dizer que nunca tinha visto espectáculo igual ao que estava presenciando. *Em Roma — explicava — exteriorizam muito o entusiasmo, mas não se sente lá o silêncio interior de Fátima — o silêncio das almas!*

* Como a casa não continha quantos ali desejariam abrigar-se — e, ainda assim foram duas centenas os hóspedes desses dias! — recolhiam-se aos seus carros, nos terrenos pertencentes ao Colégio. Nem lá faltou uma barraca de campanha!

* Quase incontável foi o número de pessoas que assistiram ao Santo Sacrifício e se aproximaram da Santa Mesa, na Capela e nos três altares levantados noutras salas. As Missas começaram a celebrar-se depois da meia-noite, para só terminarem perto das 14 horas do dia 13.

(Continua na página 64).

Porto

IN MEMORIAM

Maria Julia Henriques de Sousa Menezes de Vasconcelos

Aluna do Colégio do Porto

(Das notas de sua Mãe)

É uma história triste e linda a dos últimos meses de vida da Maria Júlia — os planos de Deus têm destes contrastes! No dia 4 de Junho, ainda saiu; a 18 foi operada e, a 22, já não havia esperanças de a salvar!... Internada imediatamente no Instituto de Oncologia, em Lisboa, tudo a ciência tentou para lhe poupar a vida, mas apenas conseguiu minorar-lhe levemente o atroz padecimento.



Nos anos que a Maria Júlia passou no Colégio, era querida de todas pela sua bondade e feito prestável, mas não se salientava em nada das outras companheiras.

A doença transformou-a e, em pouco

tempo, elevou-a a alturas de invulgar heroísmo, na aceitação generosa dos tormentos que lhe reservava o seu martirio de dois meses.

— Eu não amava a Deus como devia amá-lo, estava presa às coisas da terra... e Ele mandou-me esta doença para que o conhecesse bem, — dizia, humildemente.

Passou muitas semanas na mesma posição constrangida, e sem poder mover-se. As dores contínuas e lancinantes faziam-na viver em tal suplício que, sem uma graça especial de Deus, não se compreende como pudesse levá-lo com tão inalterável abandono à vontade crucificante de Deus.

— Como podem sofrer aqueles que não têm fé?... — perguntava.

Rasgada pelo sofrimento, beijava o crucifixo e tinha coragem para se oferecer ainda para maior holocausto: — quero dar-te alma, meu Jesus! Tu sabes que sofro muito, mas, mas se ainda fôr preciso, manda-me mais dores para converter os pecadores.

— Não chorem! — suplicava aos desola-

dos Pais. Cantem Salmos a Deus! Que maior graça podia mandar-lhes do que a de lhes dar uma filhinha mártir, uma pequenita que foi escolhida para sofrer pelos que pecam?

Os Pais compreendiam a sublime linguagem da filha e, quanto lho permitia o coração torturado por tão angustioso espectáculo, mostravam-se calmos e resignados à vontade do Senhor.

Das mãos do Senhor Arcebispo de Mitilene — que lhe administrara o Baptismo e a 1.ª Comunhão — recebeu também a Extrema-Unção. E a Mãe escrevia à Superiora do Colégio do Porto, dias depois:

— «Procurei preparar a sua alma afim de se apresentar junto de Deus, e, nessa preparação, pus todo o meu coração de Mãe cristã, que tem que dar ao Senhor aquela que sua foi durante 18 anos».

Um sacerdote que a confessou, exclamou comovidíssimo: — Que admirável preparação! Ao morrer, é um anjo que sobe imediatamente ao céu.

— Sofro muito —, ouviram-lhe, um dia, dizer — mas que feliz que eu sou! Nada me falta, tenho o carinho dos meus Pais, de todos os que de mim se abeiram. Ai dos pobresinhos que nada têm, que ninguém acarinha...

Após crises de cruciantes dores, perguntava: — Eu já teria salvo algumas almas?

..... Dia 23 de Julho. O sofrimento atingia o seu auge...

— Mãezinha, o Senhor nunca dá mais dores do que aquelas com que podemos? E que eu já não posso sofrer mais... Leva-me depressa, depressa, Jesus!...

Passam uns minutos. E enquanto falava ainda, fechou os olhos e... estava diante de Deus!



As férias no campo fazem « a alma sã num corpo são »...

Homenagem às Fundadoras

(Excerto dum discurso do dia 17-10-51)

«Manda a justiça e a gratidão que se faça hoje aqui lembrança dos nomes das principais fundadoras deste Colégio.

Em 1.º lugar, mencionaremos a Ex.^{ma} **Sr.^a Dona Adelaide de Sousa Chambers** — antiga aluna do Colégio Inglês, do Porto — que temos a honra de ver entre nós, e cujas generosas benemerências não só acompanharam as suas antigas Mestras, no período da perseguição e do exílio, mas, com inegualável dedicação, se empenhou que seu Irmão alugasse às Religiosas a casa e o parque, onde havia de instalar-se o novo Colégio.

Outro nome intimamente ligado com esta fundação, é o da saudosa e veneranda **Madre Maria da Eucaristia**, da nobre Casa de Alentim — mais nobre ainda pelas virtudes com que edificou os que com ela viveram na Casa do Senhor, do que pela fidalga estirpe. A abertura deste Colégio, sucessor do Colégio da Praça Coronel Pacheco, onde fora educanda e superiora, custou-lhe muitos cuidados e trabalhos, mas deve ter sido a maior alegria que iluminou os seus últimos anos!»

As nossas festas

A 17 de Outubro de 1951, comemorou este Colégio as suas *Bodas de Prata*.

Festa encantadora e impressionante, pelo significado e pela assistência —, onde se viam cerca de 200 Alunas Antigas e mais de 300 alunas actuais, das quais umas 60 filhas e netas de senhoras educadas nas Religiosas do S. C. de Maria — e, a presi-



Nos dias feriados, os dois — hoje grandes — iam dar o seu passeio de bicicleta...

dir, ao lado de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar, a representante da Casa-Mãe, Rev. Madre Marie-Aloysius Hoey, a Rev. Madre Provincial e a Rev. Madre Superiora.

Entre os convidados e amigos do Instituto, estavam os dois primeiros e dedicados Capelães do Colégio, Rev.^{os} Padres Hamilton e Luís Rodrigues, e o Rev. P. Domingos Costa Maia, que, com tão criterioso e sacrificado zelo, desempenha, há seis anos, as funções de Capelão.

Meses antes, já o Colégio tinha estado em festa.

O dia 6 de Maio, alvoreceu mais cedo para as 13 comungantes... Templos do Espírito Santo pela graça do Baptismo, cujas promessas haviam renovado na véspera, na Igreja Paroquiial, vestiam de branco para que o exterior não contrastasse com a pureza das suas almas juvenis. No momento da Comunhão solene, Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar do Porto, depois de ter dirigido às comungantes algumas palavras alusivas ao acto distribuiu a Sagrada Comunhão.

O corpo de Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna.

Que a Sagrada Comunhão é promessa da eternidade, parece terem-no compreendido estas crianças, pela atitude calma e recolhida com que, a seguir, receberam o Santo Crisma e fizeram a oferta das suas coroas branquinhas a Nossa Senhora!

Finalmente, na galeria do Colégio, ricamente engalanada, num piedoso e original «coro falado», entremeados de canto, manifestaram a alegria que lhe ia na alma e a sentida e filial gratidão que a S. Ex.^a Rev.^{ma} ficavam devendo.

*Esconde-se o dia
Nas sombras do entardecer...
Ficai connosco, Senhor,
Ficai, Senhor!*

(Do «coro falado» com música do Rev. P. Manuel Raposo).

Um Passeio

Desde os preparativos, até à alegre partida, e às paragens da caminheta, que exuberantes manifestações de vida e alegria!

Em 31 de Maio, partíamos em direcção à Barragem de Castelo de Bode. Depois, Tomar, Batalha e Alcobaça — três livros de pedra onde folhearam a linda História de Portugal! Por fim, a Cova da Iria, onde cada um se sente em sua casa, tão à vontade como o filho ao colo da Mãe.

Guimarães

Casamentos

- M. Cecília Alves Cardoso de Oliveria, com Renato Severo Azevedo da Costa — Porto.
- M. de Lourdes da Conceição Malheiro, com João Coelho Lima — Pevidem, Guimarães.
- Ana Maria das Dores Malheiro, com Agostinho de Melo Júnior — Porto.
- M. Aida da Cunha Guimarães, com Artur Manuel Santoalha — Guimarães.
- M. Madalena Alves Martins, com Manuel Joaquim de Oliveira Ferreira Mendes — Guardizela, Guimarães.
- M. Margarida Freitas do Amaral Lobo Machado, com José Celestino Ramos — Lisboa.

Baptizados

- Manuel Paulo, 2.º filho de Maria Helena Ferreira da Silva Oliveira.
- M. Helena, 1.ª filha de Maria Judite Correia Machado Figueiredo Guimarães Fernandes.
- M. Isabel de Fátima, 5.ª filha de M. Isabel de Menezes Pereira da Cunha Freire de Andrade Couto Osório.
- António Amadeu, 4.º filho de Ermelinda de Sintra Penafort Bourbon do Amaral.
- M. da Assunção, 3.ª filha de Ana Luiza Macedo de Menezes (Margaride).
- M. Antónia, 2.ª filha de Cândida Ferreira de Magalhães Correia.
- M. Filomena, 3.ª filha de M. da Conceição Freitas.
- Manuel Guilherme, 1.º filho de M. Cecília Cardoso Alves de Oliveira Costa.

In memoriam

No dia 1 de Agosto de 1951, falecia, em Malta, **Camila Dias Ferreira**, antiga aluna deste Colégio. Apóstola ardente, pode dizer-se que foi no exercício do zelo que as suas forças se gastaram, em tão breve tempo.

O Senhor parece ter querido premiar-lhe, já em vida, a virtude que revelou nos penosos 6 anos de doença, e na hora da morte. Com uma expressão de felicidade que deixava adivinhar as graças interiores com que era confortada, exclamava muitas vezes:

— *Não tenham medo da morte! Se é igual para todos, ai, como é bom morrer!*

E, neste fervoroso anseio, se foi para Deus, deixando suave e edificante memória a todos os que a conheceram.

Porto

Casamentos

- Maria Teresa do Menino Jesus Queiroz de Lencastre, com Germano da Silva Torres, a 18-2-1950.
- Aida Amorim de Carvalho, com António José Gramaxo de Azevedo e Silva, a 15-7-1950.
- Maria de Lourdes Ferreira de Lemos, com Manuel Guido Chambers da Silva Cruz, a 3-6-1950.
- Maria do Céu Queiroz, com José Teixeira de Sousa Sobrinho, a 2-9-1950.
- Eulália Brandão de Andrade, com Alberto Pinto de Rezende, a 26-11-1950.
- Maria Rosita Lopes, com Leonel Albuquerque Costa, a 18-12-1950.
- Maria Eugénia Novais, com António Ferreira de Lemos, 1950.
- Maria Alice Salvador Oliveira, com Ernesto Jorge Gomes da Cunha e Sousa, a 2-4-1950.
- Maria Vitória Sinda Pinto, com Mário da Silva Petiz, a 21-6-1951.
- Maria Antónia Gama Rocha, com Alfredo Ribeiro Moreira da Silva, a 14-7-1951.
- Maria das Dores Martins, com António da Rocha Pinto, a 15-8-1951.
- Maria Irene Maneiro de Almeida Lemos, com Guilherme António e Marselha, a 1-9-1951.
- Maria de Lourdes Bessa, com Ruy Orey, a 8-9-1951.
- Maria José Pereira de Almeida Guerra, com Adolfo Pereira da Costa Sardinha, a 10-11-1951.
- Maria Augusta da Cunha Pereira, com José Joaquim Monteiro, a 24-11-1951.
- Maria Luísa Cabral, com José Maria de Castro e Lemos, a 11-4-1950.
- Maria José Pereira de Almeida Guerra, com José Adolfo P. da Costa Sardinha, a 10-11-1951.

Baptizados

- Jorge, 1.º filho de Elsa Hámig Aires Pereira, a 12-1-1950.
- Maria João, 1.ª filha de Maria Salomé Carvalho Kol de Alvarenga, a 24-6-1950.
- Maria Teresa, 1.ª filha de Maria Arminda Torres Ferreira Gomes, a 5-8-1950.
- Maria do Rosário, 1.ª filha de Maria Carlota Ferrão Afonso, a 17-9-1950.
- Maria Manuela, 5.ª filha de Maria Júlia Leão Vasconcelos Porto, a 3-11-1950.
- Maria Gabriel, 2.ª filha de Maria de La

ÁRIO

Salete Guimarães Gaifem Pires Ramos, a 18-11-1950.

* Sílvia Maria, 1.ª filha de Maria Teresa do Menino Jesus Queiroz de Lencastre, a 23-11-1950.

* José Pedro, 4.º filho; Teresa Maria, 5.ª filha, gémeos de Maria José Gramaxo Sampaio Maia, a 5-12-1950.

* António Alberto, 1.º filho de Gabriela Perry de Sampaio Lopes Rodrigues, a 12-1-1951.

* António Arnaldo, 2.º filho de Maria Fernanda Rocha Brito Lopes Mateus, a 14-4-1951.

* José António, 7.º filho de Maria Henriqueta Mendes Godinho de Abreu Morais, a 11-3-1951.

* Pedro Manuel, 5.º filho de Gilberta Peres Souto Maior, a 27-5-1951.

* Maria Isabel, 1.ª filha de Maria Isabel Lança Varela Pimentel, a 7-6-1951.

* Teresa Cândida, 3.ª filha de Madalena Álvares Pereira do Valle Teixeira, a 8-7-1951.

* José Manuel, 1.º filho de Maria do Céu Queiroz de Sousa Sobrinho, a 14-7-1951.

* Fernando Manuel, 1.º filho de Maria Rosita Lopes de Albuquerque Costa, a 9-10-1951.

* Maia Luisa, 2.ª filha de Júlia Saldanha Lopes.

* Maria da Assunção, filha de Maria Luísa Cabral de Castro e Lemos, a 12-2-1951.

Jaculatória

Será grato aos amigos do Instituto terem conhecimento de que S. S. Pio XII se dignou aprovar e indulgenciar, a pedido da Rev. Madre Geral, a seguinte jaculatória:

Sagrado Coração de Maria,

rogai por nós!

(300 dias de indulgência)

A nossa Revista

A quem deseje ficar com a colecção completa, comunicamos que ainda existem alguns números de CORMARIAE de 1950.

Edições do S. C. de Maria

Apóstolo e Fundador — Porto, 1939.

A obra mais bela — Lisboa, 1945.

Vidas vivas — Coimbra, 1948.

Gem anos ao serviço do S. C. de Maria — Coimbra, 1948 — (extracto de *Vidas vivas*)

Guarda

Gratidão

Do filho duma «antiga» de Viseu, muito estimada das religiosas suas educadoras, e a quem o Senhor já fez a graça de contar 18 netos, recebemos estas linhas tão expressivas na sua brevidade:

— «Deus abençoe essa Instituição que tanta virtude soube criar no coração da minha santa Mãe!»

Casamentos

* M. do Céu Saraiva de Mendonça, com Luis Rodrigues Tomé, a 4-8-1951.

* Isabel Pereira da Silva Rebelo, com Manuel Pires Bento, a 17-9-1951.

* M. Fernanda Borges das Neves, com José Maria Leitão, a 22-9-1951.

* M. de Deus Escada, com Joaquim Tavares da Costa, a 29-9-1951.

Nascimentos

* M. Fernanda, filha de M. da Conceição Lobo Mendes Rebelo Teixeira, a 10-10-1950.

* M. Luisa, filha de M. Lucília Cunha Machado da Ascensão, a 26-12-1950.

* Álvaro José, filho de Dulce Helena Xavier de Aguiar Ferreira, a 24-4-1951.

* António Eduardo, filho de Inês Hargreaves da Costa Macedo Rabças de Carvalho, a 25-7-1951.

* M. José, filha de Lídia Natália Xavier Conde Barreira, a 27-7-1951.

Braga

Casamentos

* M. Albertina Vieira Almeida, com João Câncio — Esposende.

Nascimentos

* M. da Conceição, 8.ª filha de M. Carolina Caires de Azevedo Machado.

* João José, 1.º filho de M. Albertina Vieira Amândio.

NOTICIÁRIO

Ao serviço de Deus na vida Religiosa

* Maria da Silva Oliveira Monteiro («antiga» de Guimarães), em religião *Ir. Maria Teresa* — Congregação do Bom Pastor.

No Instituto do S. C. de Maria :

* Maria de la Salette da Rocha Marques («antiga» de Guimarães), em religião *Ir. Maria da Glória*.

* Carolina Vaz Saleiro e Silva («antiga» de Braga), em religião *Ir. Natália de Jesus*.

* Maria José Neves da Silva Torres («antiga» do Porto), em religião *Ir. Margarida de Jesus*.

* Isabel Cardoso Fernandez («antiga» do Porto), em religião *Ir. Maria Bernadette*.

* Delmira Gonçalves Cerejeira («antiga» do Lar de Braga), em religião *Ir. Benigna do Coração de Maria*.

* Aldina de Matos Ramos («antiga» de Aveiro), em religião *Ir. Maria de Gonzaga*.

* Maria de Lourdes Brito («antiga» da Guarda), em religião *Ir. Jacinta*.

Fátima

(Continuação da página 59)

* Estiveram hospedadas, neste Colégio, de Maio a Outubro :

- 67 peregrinas francesas, de Béziers ;
- 80 peregrinas alemãs ;
- 79 peregrinas francesas ;
- 5 Professoras e 36 alunas dos Liceus

do Porto :

45 Dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina, com a Ex.^{ma} Comissária Nacional, Senhora Dona Maria Guardiola :

— 63 alunas do Colégio de Lisboa, (em

(retiro :

- 60 Senhoras Vicentinas ;
- 36 universitárias de Lisboa e Porto.



CORMABIAE chegou até Angola e a Teresinha quis o retrato a ler a sua revista . . .

A V E I R O



... gadas sobre a vida, interrogam o futuro . . .

Espalhando a sua alegria

Tarde serena, sol radioso. Há grande azáfama no Colégio ; tudo gira em rodopio. Que será ? Aproximam-se as férias, mas, antes da partida, combinou-se uma ida ao Albergue, para distrair um pouco os bons velhinhos e distribuir-lhes algumas guloseimas.

Toca a partir.

Entre risos e cantos, ei-las chegadas . . .

À porta, estavam eles, perfilados e uniformizados, para receberem todo o Colégio. Um simpático velhinho completava 100 anos naquele dia, e mostrava-se feliz com a visita da buliçosa comitiva.

Começou a distribuição duns saquinhos com rebuçados, doces, etc., etc.

Antes da retirada, improvisaram um palco, e ali cantaram e representaram variados números. Riram a bom rir os bons velhinhos e, por momentos até se julgaram mais novos. Em tom de carinho dizia, à despedida : — « Bem hajam, bem hajam ! »

É tão bom espalhar a alegria ! . . .

Retiro

Nas férias da Páscoa, houve o habitual retiro para as antigas alunas. Uma das exercitantes veio preparar-se para o seu casamento, que devia realizar-se daí a um mês. A seu pedido, o Rev. Conferente benzeu-lhe o «anel do pedido», ficando convidado para ir presidir à Intronização dos SS. CC. de Jesus e de Maria no seu futuro lar.

Nascimento

* M. do Rosário, filha de Maria Correia Marques a 27-10-1950.

Coimbra

Casamento

* M. Emilia Almeida Cortez, com Afonso Rodrigues Queirós (Prof. da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra).

Nascimento

* Joaquim Manuel, 2.^o filho de M. da Rocha Cabral do Amaral.

SUMÁRIO

Spes, Salus, Consolatio Nostra	I
Hóspedes de Honra das Religiosas do S. C. de Maria	II
Duas festas em Braga	IV
A Voz das Antigas, Maria do Carmo de Lencastre («Antiga» do Porto).	1
Um pensamento eterno de Deus, Maria («Antiga» do Porto)	3
Mariamonte, o Colégio do Papa	4
A espiritualidade do Padre João Gailhac, P. José Carvalhaes, S. J.	6
Bodas de Ouro	8
Mística Marial, P. Passama	9
Filhos e Netos de «Antigas»	12
Roma vai falar do Padre Gailhac	14
Era esse o meu caminho	15
Falas do Coração	17
Carta a uma noiva, Luís Moreira de Sá e Costa, S. J.	18
Famílias numerosas	20
Pioneiras da J. E. C. F., M. de C., R. S. C. M.	22
O maior amor, M. de C., R. S. C. M.	24
A Casa-Mãe — Relicário do Passado	26
Coisas dos nossos miudinhos	27
Famílias numerosas	28
Perspectivas de França, M. C. de J., R. S. C. M.	30
Famílias numerosas	33
Horas de Graça	34
O Instituto do S. C. de Maria em Fátima	36
A obra mais bela, P. João Cabral, S. J.	38
Fala o Papa às mulheres católicas	38
O que se diz de CORMARIAE	40
Regressos, Maria da Graça («Antiga» de Lisboa)	41
Colégio de Lisboa	42
Página da Saudade	44
Colégio do Porto	46
Filhos — sol do Lar!	48
Colégio da Guarda	49
Colégio de Aveiro	51
Colégio de Braga	52
Colégio de Guimarães	54
Noticiário	56 a 64

GRAVURAS DE MARQUES ABREU — PORTO